



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

DIONÉSIA DE CARVALHO

CASAMENTO: PARCERIA OU CAMPO DE BATALHA?

ARIQUEMES – RO

2018

Dionésia de Carvalho

CASAMENTO: PARCERIA OU CAMPO DE BATALHA?

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção de título de bacharel em Psicologia.

Prof.^a Orientadora: Me. Eliane Alves Almeida Azevedo.

Ariquemes – RO

2018.

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA

C331c

CARVALHO, Dionésia de.

Casamento: parceria ou campo de batalha. / por Dionésia de Carvalho. Ariquemes: FAEMA, 2018.

75 p.; il.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. Ma. Eliane Alves Almeida Azevedo .

1. Psicologia. 2. Conjugalidade. 3. Conflitos conjugais. 4. Casamento. 5. Relação. I Azevedo, Eliane Alves Almeida. II. Título. III. FAEMA.

CDD:150.

Bibliotecário Responsável
EDSON RODRIGUES CAVALCANTE
CRB 677/11

Dionésia de Carvalho

<http://lattes.cnpq.br/9345555979011531>

CASAMENTO: parceria ou campo de batalha?

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia Faculdade de Educação e Meio ambiente – FAEMA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Me. Eliane Alves Almeida Azevedo

<http://lattes.cnpq.br/4994015719356247>

FAEMA – Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Prof.^a Me. Carla Patrícia Rambo Matheus

<http://lattes.cnpq.br/4834773672725638>

FAEMA – Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Prof.^a Me. Ana Claudia Yamashiro Arantes

<http://lattes.cnpq.br/2181183340752599>

FAEMA – Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Ariquemes, 12 de novembro de 2018.

RemerCEO a Deus esmero, que tudo criaste, pela essência de minha vida, me deu e concede a cada dia sabedoria e discernimento para compreender a vida terrena, tal qual tudo caminha para a perfeição final.

AGRADECIMENTOS

A meus pais que com a graça de Deus me deram o dom da vida, pela educação que me deste e apoio com carinho e amor incondicional.

À FAEMA pelo quadro de professores, pela direção e administração que me oportunizaram e favoreceram um crescimento subjetivo de um horizonte superior de confiança e ética aqui atualizados.

Ao meu esposo Aparecido e meus três filhos Cristian, Cauã e Kaiki, pelo apoio e compreensão, principalmente ao longo dos cinco anos, vocês são uma das bases que me sustenta e fortalece, me tornam mais feliz e realizada.

A todos os outros familiares e amigos que de forma direta e indireta me ajudaram e apoiaram, saliento minha sogra.

A todos os meus professores minha gratidão, pois sempre percebi que não apenas davam aula e sim experienciavam conosco cada momento junto, sinto o quanto transcendi ao longo deste curso, obrigada pela parcela de impregnação que cada um promoveu em minha subjetividade e personalidade. Ressalto reconhecimento à minha orientadora de curso e Supervisora de Estágio Prof.^a Me. Carla Patrícia R. Matheus e à Prof.^a Me. Eliane A. A. Azevedo, que muito me auxiliou na elaboração deste trabalho.

[...] o sonho de um casamento “feito no céu” foge totalmente à realidade e que toda união continuada entre um homem e uma mulher precisa ser trabalhada, construída, reconstruída e constantemente revigorada pelo crescimento dos dois cônjuges.

Rogers, 1974, p. 37.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo compreender as nuances naturais do dia a dia conjugal, para esclarecer dúvidas relacionadas aos principais fatores que geram conflitos podendo influenciar no sucesso ou fracasso da relação e como os casais manejam suas divergências. Participaram da pesquisa 10 homens e 10 mulheres com idade que varia de 27 a 67 anos; e média de 20,6 anos de conjugalidade. Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico e questões individuais subjetivas. Os dados revelam que todos os tipos de relacionamentos envolvem dificuldades e conflitos, vai depender da flexibilidade e habilidades de ambos em resolver seus antagonismos para determinar a satisfação ou insatisfação deixando a relação fracassada e doentia ou como alguns afirmam, que são felizes, apesar das insatisfações diárias. Os resultados nos mostram os fatores que mais geram conflitos e desgastam a conjugalidade corroborando com publicações de outros pesquisadores na literatura científica. A seguir os principais: Garcia; Tassara; Mosmann; Falcke; Bolze et al.; Paixão et al.; Schmidt et al.; Costa; Hameister; Barbosa; Wagner; Zanella Delatorre e Scheeren.

Palavras-chave: Conjugalidade, Conflitos conjugais, Satisfação conjugal.

ABSTRACT

This research had the objective to understand the natural nuances of the conjugal daily life. In order to clarify doubts related to the main factors that generate conflicts which can influence in the success or failure of the relationship and how the couples manipulate their differences. The research subjects were 10 men and 10 women with ages that vary between 27 and 67 years old who have an average of 20.6 years of conjugality. The participants answered a sociodemographic questionnaire and individual subjective questions. The data exposes that all types of relationships involve difficulties and conflicts, which will depend of the flexibility and ability of both to solve their antagonisms to determine the satisfaction or dissatisfaction turning the relationship unsuccessful and sickly, or as some claim, happy, despite daily dissatisfaction. The results show us the main factors that create more conflicts and wear out the conjugality, corroborating with the publications of other researchers at scientific literature. Following the main: Garcia; Tassara; Mosmann; Falcke; Bolze et al.; Paixão et al.; Schmidt et al.; Costa; Hameister; Barbosa; Wagner; Zanella Delatorre e Scheeren.

Keywords: Conjugality, Marital Conflicts, Marital Satisfaction.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Situação legal dos casais.....	28
Gráfico 2 – Tempo de casamento.....	29
Gráfico 3 – Quantidade de filhos.....	30
Gráfico 4 – Idade dos filhos.....	31
Gráfico 5 – Profissão dos entrevistados.....	31
Gráfico 6 – Escolaridade dos entrevistados.....	32
Gráfico 7 – Compartilham ou não as tarefas domésticas.....	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sentimentos em relação as tarefas domésticas.....	34
Quadro 2 – Conseguem dialogar sobre as experiencias diárias?.....	37
Quadro 3 – Temas do diálogo.....	37
Quadro 4 – Estão satisfeitos no relacionamento?.....	38
Quadro 5 – Quais os fatores de conflitos?.....	44
Quadro 6 – Como resolvem os problemas do dia a dia?.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E DEFINIÇÃO DA CONJUGALIDADE.....	12
2.2 O CASAMENTO COMO CAMPO DE BATALHA.....	15
2.3 COMPANHEIRISMO.....	19
3 OBJETIVOS.....	25
3.1 OBJETIVO GERAL.....	25
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	25
4 METODOLOGIA.....	26
5 RESULTADOS E DISCUÇÃO.....	28
CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXOS.....	66

INTRODUÇÃO

Falar de casamento nem sempre é simples. E é isso que esse projeto se propõe, falar da complexidade que é o relacionar-se conjugalmente, buscando compreender os fatores que no dia-a-dia mais desgastam a relação conjugal, tornando-a cálida ou desvitalizadas. Onde ambos muitas vezes vivem insatisfeitos, e decidem manter a relação por diversos fatores que vão desde religião, moral, intuito de proteção aos filhos ou os bens, ou meramente a incapacidade de enfrentar a vida sozinho, devido a dor da separação e perdas consequentes.

Primeiramente, vale ressaltar que a motivação para a pesquisa sobre esta temática decorreu, em princípio, da experiência da pesquisadora no ambiente de trabalho, de terapia holística (acupuntura e terapia floral de Bach), no qual muitos casais, principalmente esposas, procuram ajuda e desabafaram suas experiências, sempre atribuindo as dificuldades do relacionamento ao cônjuge e dificilmente percebem-se como uma das partes responsáveis pelo conflito.

No cotidiano observa-se queixas como: “ele (a) não me entende”, “ele (a) faz isso ou aquilo”, “não conseguimos dialogar”, e assim por diante, reinando um clima de desarmonia, insegurança, tristeza, raiva, mágoas, etc., entre o casal. Ambos se colocam num processo cíclico de sofrimento. Para alguns casais o sofrimento não termina, se arrasta enquanto estiverem juntos, baseados na religião, no cuidado dos filhos, cultura familiar ou por outros ganhos secundários permanecem nessa relação, questionando sempre sobre a própria felicidade.

O primeiro capítulo apresenta sobre questões históricas e o conceito de casamento, que muda de acordo com cada momento histórico, com cada autor, cultura e outros aspectos. E o sonho de uma união como em contos de fada infantil, diverge da realidade. Todo relacionamento contínuo, principalmente o conjugal, precisa ser lapidado, edificado, em processo contínuo de restauração e desenvolvimento de ambos envolvidos.

No segundo que é um subcapítulo, descreve o casamento como campo de batalha, geralmente aquele no qual ambos podem não possuir habilidades sociais de resolução de conflitos, por falta de maturidade psíquica e emocional. Espera da relação ou do outro a responsabilidade de solucionar suas necessidades internas, colocando no outro sempre a culpa de suas insatisfações. Não conseguindo ser habilidosos na difícil tarefa de administrar e realizar a individualidade e a

conjugalidade. Pois a individualidade tem seu ponto positivo que seria ser autêntico, realizando os sonhos e planos individuais e ao mesmo tempo em parceria com o cônjuge realizar os projetos conjugais. E o lado negativo da individualidade, seria ser egocêntrico, realizando só os projetos individuais, deixando de lado os projetos conjugais, conseqüentemente gerando conflitos e distanciamento. Sendo o diálogo uma das principais ferramentas para harmonizar essas duas forças opostas.

Já o terceiro e último, delinea fatores que promovem o companheirismo e a intimidade conjugal: seria estar contente consigo e com o outro, companheirismo, amabilidade, segurança, flexibilidade em solucionar problemas, coesão, saber se comunicar, satisfeito profissionalmente, financeiramente e forem praticantes de sua espiritualidade. Desse modo pode-se ver a satisfação conjugal como um processo a ser construído ao longo da relação, de acordo com cada fase que acontece no casamento.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E DEFINIÇÃO DA CONJUGALIDADE

O casamento existe a mais de dois mil anos, desde antes de Cristo. Percebe-se por meio da literatura que de acordo com cada momento histórico sofre transformações, sendo um fenômeno social que perdura em todas as culturas e séculos, mesmo que a sociedade de forma geral consiga cada vez mais um comportamento de individualidade e egocentrismo, ainda assim sonha-se em ter uma família. Acredita-se que nunca sairá da moda o desejo de companhia conjugal, pois isso é inato do ser humano, para a perpetuação da prole (MENEZES, 2006; ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009).

Em relação às transformações do casamento, alguns autores afirmam que desde a antiguidade já haviam configurações conjugais heterossexuais, homossexuais, dentre outras. Onde as relações tradicionais: a união de um homem e uma mulher, independente da legalidade, eram vistas sem preconceitos e julgamentos, já as relações não tradicionais, eram até aceitas pela sociedade, só não eram formalmente legalizadas (PINHEIRO FARO; FRAGA PESSANHA, 2014). Neste trabalho tratamos de casais heterossexuais, mas a complexidade e dilemas, podem ocorrer da mesma forma com casais homossexuais ou qualquer outra configuração familiar (MINUCHIM; FISHMAN, 2007). Atualmente alega Menezes (2006), que estas transformações estão modificando constantemente devido os papéis e funções que ambos assumem para se adaptar as exigências contemporâneas.

A conjugalidade entre mulheres e homens declara Ribeiro & Ribeiro (1995) geralmente são mais duradouras e mais fechadas no ambiente doméstico, é uma relação marcada por amor e amizade, onde um ampara o outro. Essa relação de namoro ganhou destaque de relação duradoura, do qual “o casamento é descrito como deslizando do amor para a amizade: o cotidiano é marcado pelo companheirismo com forte ênfase no apoio psicológico mútuo” (RIBEIRO; RIBEIRO, 1995, p.99). O casamento na atualidade transpassou à união integra de vida, com

base na igualdade de direitos e deveres entre os companheiros (FACO; MELCHIORI, 2009).

Em se tratando de casamento e conjugalidade, existem distintas definições para ambos. O primeiro é a ação magnífica legitimada religiosamente ou civilmente, unindo duas pessoas potencialmente capacitadas. O segundo se concretiza pelo amor poético, satisfazendo ambos seus anseios diariamente de forma individual, porém, em constante parceria com o amado, não deixando de lado o desejo de realização intrínseca e extrínseca em relação aos objetivos coletivos e sociais (MENEZES, 2006; CECCHIN, 2009; ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009). Outros autores afirmam que “a conjugalidade passa a caracterizar a união de duas subjetividades que resulta em um terceiro “eu”, ou seja, uma identidade compartilhada pelos cônjuges” (CAMPOS; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2017).

Torres (2004), identifica e estipula três formas de conjugalidade: (1) institucional; (2) fusional e (3) associativa. 1 – A conjugalidade institucional aparece nas respostas dos sujeitos tanto como construção social, vê o casamento como sina predeterminada naturalmente ao longo do ciclo de vida, quanto instituição a ser preservado com excelência, do qual a parentalidade se sobressai à conjugalidade, ou seja, prevalece as regras sociais como um comportamento normativo, que engloba os valores, crenças, cultura, dentre outros a serem seguidos. 2 – Na forma de conjugalidade fusional emerge o romantismo, casal se une afirmando uma paixão ardente por estarem juntos, como fusão entre as relações parentalidade e conjugalidade. 3 – Já na forma associativa percebe-se a autonomia e habilidade de cada um, de realização pessoal, conseqüentemente formando o eu conjugal, que é a identidade compartilhada dos projetos conjugais, ficando delineada as fronteiras do individual e do conjugal com a parentalidade, numa harmoniosa dinâmica relacional.

Já a definição de casamento diverge entre alguns autores, Rogers traz uma definição, afirmando não ser uma instituição ou estrutura, e sim como um processo:

Creio, porém, que se podem definir esses processos. E se pensarmos no casamento em função de uma série de processos que decidimos por em movimento - intimidade física, sexual, provavelmente procriação, partilha da responsabilidade econômica, e assim por diante, pondo de certo modo compromissos em paralelo em função do lugar onde vamos viver, e coisas assim – estes serão processos muito bem definidos (ROGERS, 1974, p.,189)

Para Minuchim e Fishman (2007) a família se inicia com o casamento, onde duas pessoas se unem com o propósito de desenvolvê-la, sendo um contrato que não necessita ser legal para ser significativo. Cada um dos cônjuges integra um conjunto de princípios e expectativas, tanto explícitos quanto inconscientes, que variam desde a importância que atribuem à independência nas decisões até mesmo o que devem ou não fazer juntos, como por exemplo almoçar ou jantar juntos. Sendo que estes dois agrupamentos de valores se conciliam e integram com o passar do tempo, perdendo parte da individualidade e ganhando em pertinência, num contínuo processo formando o sistema familiar.

O casamento como instituição é assim definido pois se constitui no ato de casar, ou seja, se adequa às estruturas sociais estabelecidas por lei, sendo um comportamento normativo, associado a valores, crenças e práticas diversamente aceitas ou não, se adequando de acordo com as transformações dentro de seu momento histórico e cultural (POESCHL; SILVA; CARDOSO, 2015).

A união conjugal pode ser o ambiente do qual os dois podem se realizar de forma contínua tanto seu próprio eu como ambos em conjunto. Do qual cada ser individualmente é ele mesmo e conscientemente maduro, permitindo o outro também ser ele mesmo. Para isso necessita que invistam na relação sendo proveitosa e satisfatória para ambos, encontrando equilíbrio entre conjugalidade e individualidade, evitando permanecer na mesmice (NORGREN et al., 2004). Pode-se clarificar com essa reflexão na citação de Colman (1994, p. 141), "Marriage does not have to be the place where I can entirely be myself, but it can be the place where I discover some of the possibilities for becoming myself"¹.

Na atualidade a construção e a conservação do casamento se dá de forma a valorizar mais o individualismo, onde ambos sintam-se autônomos e satisfeitos do que os vínculos de subordinação entre os cônjuges. Isso exige a criação de uma zona comum de interação, que é a conjugalidade. Esse movimento de transição para a conjugalidade ocorre desde o momento que resolvem se casar e durante os primeiros anos de casados, ficando evidente nesse período os processos de mudanças e adaptações que os envolvem, fazendo do casamento um espaço de desenvolvimento

¹ Tradução: O casamento não precisa ser o lugar onde eu possa ser inteiramente eu mesmo, mas pode ser o lugar onde eu descobro algumas das possibilidades de eu me tornar eu mesmo.

das individualidades, ou seja, um processo de individuação entre os parceiros, culminando na conjugalidade (SCORSOLINI-COMIN, 2014).

2.2 O CASAMENTO COMO CAMPO DE BATALHA

Um dos fenômenos mais complexos do casamento é o fato das pessoas esperarem do outro ou da própria relação a responsabilidade de solucionar suas necessidades internas, podendo ser muitas vezes incoerente (SCRIBELL; SANA; DI BENEDETTO, 2007).

A busca de um companheiro geralmente está associada ao vazio existencial próprio do ser humano na busca por completar-se. No vínculo conjugal acabam surgindo os descontentamentos pessoais, oriundos de inúmeras fontes, por que se deposita no outro as próprias angústias e recriminações de não se ter alcançado o que se espera para realização do próprio eu, resultando em culpar o cônjuge por boa parte das covardias e impotências intrínsecas (PAIVA, 2009).

Geralmente o indivíduo sente-se atraído por aquele que complementa, no entanto, só se ama o imperfeito, como afirma Neuhauser (2006, p. 21) “O perfeito não nos atrai. Descansa em si mesmo, bem longe da vida normal. Só se pode amar o imperfeito. Somente do imperfeito resulta o impulso de crescimento, não do perfeito”

O casal vive constantemente envolvido por duas forças opostas, a conjugalidade e individualidade; pode-se definir conjugalidade como uma extensão psicológica em comum na vida dos dois, determinado pela dinâmica inconsciente, com regras e movimentos característicos, vivência compartilhada que estabiliza o vínculo, divergindo da individualidade, que é a extensão individual de cada um. Mesmo que a autonomia e satisfação individual seja valorizada atualmente, a construção da conjugalidade exige uma dinâmica relacional interativa, na qual se compartilham os desejos e projetos conjugais (LEVANDOWSKI; PICCININI; LOPES, 2009).

Numa relação em que a competição é implícita o ser humano geralmente deseja e busca ter sempre o poder, qualquer que seja ele: poder de persuasão, poder de hierarquia, poder financeiro, poder pelo *status*, etc.; o poder é desempenhado através de manobras e táticas para se manter no domínio de uns sobre os outros (FERREIRA; KITSUWA, 2010). Acredita-se que, com isso, se sinta num patamar que

lhe proporcione tranquilidade, segurança e realização. E qualquer coisa que lhe aconteça que se sinta o risco de cair de sua posição satisfatória, faz de tudo, até jogo sujo, ou seja, jogo de poder, sendo qualquer tentativa de desorientar o parceiro, para manter-se na posição em que deseja (PITTIMAN, 1984).

Como Simonette (2009) afirma, o casamento em si já é um jogo; não é somente jogo de amor, é jogo sexual, jogo financeiro, jogo familiar, jogo de poder, jogo psicológico, jogo social, e em todos eles a “*palavra*” que se usa no diálogo é o jogador responsável pela transformação.

No relacionamento se desenvolve um jogo de poder ao redor da realização do amor, se um dos envolvidos quer e deseja e o outro sempre consente, o primeiro se coloca numa atitude soberana, enquanto o segundo que precisa e deseja fica numa posição inferior, e isso aniquila o amor. O amor se baseia na igualdade da troca mútua, infundido no respeito (NEUHAUSER, 2006).

Nesse jogo de domínio quem for mais astuto e tiver mais conhecimento geralmente domina quem tem menos, tal fato é inevitável e natural do meio. Isso pode ocorrer entre sócios de uma empresa, pode ocorrer entre funcionários, ou qualquer outro grupo, inclusive nos relacionamentos conjugais. É uma busca pelo poder para satisfação de necessidades pessoais (SCRIBELL; SANA; DI BENEDETTO, 2007).

Na relação conjugal não é diferente, na maioria vige esse jogo. Sendo muitas vezes de forma inconsciente, e termina geralmente em conflitos e dificuldades na relação. Alguns autores chamam esse jogo de colusão, que se conceitua como um jogo complexo e não verbalizado entre dois companheiros, em ocupação de um conflito idêntico não superado, e anseiam serem libertados pelo parceiro. Esse jogo recíproco é um fenômeno que nasce do encontro entre os mundos internos e externos dos cônjuges (LEVY; GOMES, 2008). Determinados autores os descrevem em quatro tipos. Sendo o primeiro quando um dos parceiros se mantém na posição de protetor e o outro permanece na função dócil e dependente, formando um modelo relacional cuidador desamparado. No segundo tipo um dos cônjuges assume o papel dominante e o outro desempenha o papel tranquilo, dominado. A terceira situação relacional é aquela que apenas um dos envolvidos realiza seu potencial e o outro renuncia seus desejos e prerrogativas em favor deste. E finalizando, o quarto tipo refere-se aquela relação de inveja e rivalidade, gerando uma concorrência permanente pelo poder (SCRIBELL; SANA; DI BENEDETTO, 2007).

Os casamentos estáveis e insatisfatórios geralmente são mantidos por diversas razões, alguns por questões pessoais ou princípios religiosos; outros por medo da mudança e da solidão, não aprenderam a lidar com a liberdade e autossuficiência; outros ainda não querem repartir o patrimônio que construíram ao longo dos anos, ou até mesmo o fato da ansiedade de estar casado e fazer parte de uma família ser menos ansiógeno do que estar sozinho (NORGREN et al., 2004)

O jogo de poder se dá de várias formas, inclusive na mentira, ou até mesmo, ocultando apenas parte dela. A confissão atrai o casal à intimidade, que se entrelaça e homogeniza por meio de revelações, esclarecimentos e busca na essência humana, conseqüentemente, igualando os cônjuges. Ao contrário, quem mente espera uma vantagem, que se consegue ao confundir e perturbar o outro, embaraçando ou mesmo destruindo o casamento. Para o autor “Qualquer tentativa de desorientar seu parceiro é um jogo de poder que eventualmente irá prejudicar o relacionamento.” (PITTMAN, 1984, p. 43).

O mesmo afirma que infidelidade não é só o ato sexual em si, é também quando um dos parceiros deixa de cumprir qualquer acordo firmado, como não jogar bola, não fumar, não beber, não gastar dinheiro ou tempo com denominadas pessoas, e se descumprem secretamente, está sendo desleal, traindo a confiança. Esses pequenos acordos entre os cônjuges, quando feito e não cumprido, é mesmo que desonestidade, não é boa para o casamento, pois a desonestidade é inimiga da intimidade. Percebe-se assim a desonestidade na relação conjugal, que pode ser um jogo de poder, devido provavelmente sentimentos de culpa ou antagonismo de gênero. Ela cria aquele clima desarmonioso, promove o distanciamento dos cônjuges, pois é inimiga da intimidade. No entanto pode ser isso mesmo que o sujeito deseja, o distanciamento (PITTMAN, 1984).

Muitos dos comportamentos que influenciam negativamente na relação geralmente são traumas do passado não elaborado, como por exemplo a pessoa que rejeita o pai, a mãe ou ambos, também rejeita a si mesmo e ao companheiro, pois ambos carregam em si características de seus pais, conseqüentemente distanciam-se (NEUHAUSER, 2006).

A não intimidade conjugal e o distanciamento emocional podem se fazer presentes desde o início do relacionamento ou desenvolver-se com o decorrer dos

anos, criando uma cegueira relacional a respeito dos sentimentos e das necessidades mútuas, levando um dos componentes a sentir-se atraído a atos infiéis (SATTLER; TAVARES; SILVA, 2017).

O casamento ideal ou família ideal moderna começou a surgir no século XVII, caracterizado pela “livre escolha do cônjuge e a incorporação do amor romântico ao laço conjugal” (RIBEIRO; RIBEIRO, 1995, p.72). Entretanto na contemporaneidade os princípios do amor lírico propendem a se desintegrar, principalmente pela força da emancipação da mulher e da independência feminina, podendo para muitos ser outro motivo de conflitos, assegura Feres Carneiro (1994).

As mulheres na sua construção de gênero feminino, foram governadas pelo masculino, sendo abordadas como incapazes e dependentes, sofrendo a dominação e a opressão, herança da cultura patriarcal histórica, na qual ao homem era dada a responsabilidade de sustentar a família, sendo de sua responsabilidade o poder econômico, e a mulher, por não trabalhar fora, geralmente foi subjugada economicamente ao esposo, desvalorizado seu trabalho doméstico (SERPA, 2010). Com a autonomia da mulher, o homem, receoso desta, valorizou mais a domesticidade feminina, principalmente de seu aspecto maternal (ARAÚJO; SCALON, 2006).

Conseqüentemente, a independência da mulher e sua maior escolarização proporcionou-lhe a possibilidade de um contato social mais amplo e a indagação dos valores tradicionais. A construção de uma carreira para a mulher aumentou sua carga de responsabilidade e exige maior flexibilidade em conciliar as diferentes funções e atuação. A autonomia e independência não se deu sem um preço maior, sendo vivida com mais dificuldades pelas mulheres, porém não justifica o acúmulo de atribuições como empecilho para a conciliação de sua maior liberdade (COUTINHO; MENANDRO, 2010; AYRES, 2015).

As mulheres se desdobram entre o mercado de trabalho e a família, afirmam Araújo e Scalon (2006); isso, conseqüentemente, gera conflitos na relação, tendo que compartilhar os afazeres domésticos, e ainda percebe-se que por mais que o modelo tradicional de homem provedor e mulher cuidadora tem saído de padrão, ainda há desigual envolvimento de homens e mulheres com a vida doméstica. E por mais que seja difícil para muitas, complementam Coutinho e Menandro (2010), a separação

poderia agravar ainda mais as responsabilidades femininas; devido a isso e a outros motivos, o casamento ainda não saiu dos planos femininos de emancipação.

Todavia, a independência e sucesso da mulher pode fortalecer a conjugalidade, principalmente quando seu esposo também está em crescente ascensão, apoiando-a, conseqüentemente. Caso contrário pode gerar transtorno, sobretudo quando o esposo não consegue manter seu sucesso no trabalho, podendo não suportar o desenvolvimento da esposa, sentindo-se inseguro e assustado (BETIOL; TONELLI, 1991).

Na atualidade o que está predominando cada vez mais é o casamento onde a mulher busca a igualdade, havendo uma constante negociação no relacionamento conjugal. Conseqüentemente, a intimidade tende a se fortalecer devido os valores como a amizade e o companheirismo serem os essenciais (ARAÚJO, 2002). Neste sentido, o trabalho pago pode ser incluído como parte do acordo entre os cônjuges, tendo a possibilidade de se estabelecer em sonho de realização pessoal para as mulheres (ARAÚJO; SCALON, 2006). Ressaltando-se que, apesar de o trabalho pago para uma boa parte das mulheres significar independência, auto realização, e maior *status* social, para outras, principalmente de classe econômica baixa, tem um significado de sobrevivência (BETIOL; TONELLI, 1991).

2.3 COMPANHEIRISMO

Os fatores que promovem a intimidade conjugal envolvem sem dúvida sentimentos de bem-estar, contentamento consigo e com o outro, companheirismo, afeição e segurança, consequência de comportamentos congruentes², de acordo com a realidade do momento e o que estão experienciando na relação (ROGERS, 1980; SCORSOLINI-COMIN; DOS SANTOS, 2010).

No casamento, para os dois se sentirem realizados, necessita-se manter o desejo contínuo de favorecer o bem-estar um do outro, buscando uma dinâmica

² CONGRUENTE - é o mesmo que ser autêntico, é ser íntegro, ou seja, o que está na consciência, está presente no modo de agir, na fala e nos gestos ao mesmo tempo. Uma homeostase entre autoconceito e o que vive organicamente. Quando isso está presente no sujeito a comunicação atinge seu máximo, levando o mesmo ao contato íntimo com seu ser e com o outro, conseqüentemente (ROGERS, 1980).

relacional rica e satisfatória (FERES-CARNEIRO, 1998), sendo a satisfação conjugal um julgamento subjetivo, que implica a cada um dos pares satisfazer as próprias necessidades e desejos, do mesmo modo que retribuir ao que o outro anseia, numa igualdade suficiente, manifestando um dar e obter correspondido e espontâneo (NORGREN et al., 2004). Neste convívio sempre franco e real, cada um se empenha em promover o desenvolvimento pessoal do outro (ROGERS, 1974).

A satisfação conjugal envolve diferentes variáveis que vão desde as características da personalidade de ambos, cultura familiar herdada e o modo como juntos vão construir o relacionamento, até mesmo a concomitância da conjugalidade para a parentalidade, durante o período gestacional, idade, tempo de casado, auto estima, escolaridade dos filhos, renda e a estrutura de poder nas famílias. Quanto mais proximidade, flexibilidade e estratégias para solucionar os problemas, coesão, boa habilidade de comunicação, ambos estarem satisfeitos com seus status econômico e forem praticantes de sua espiritualidade, vivem mais satisfeito (SCORSOLINI-COMIN; DOS SANTOS, 2010).

A insatisfação conjugal, dentre outros estressores, é um dos fatores que mais geram adoecimento físico e mental, podendo levar à violência, e em alguns casos extremos até ao suicídio e homicídio. Caso contrário, a satisfação gera a alegria e o prazer de viver, fortalece assim o sistema imunológico do sujeito, aumentando seu ciclo de vida, e conseqüentemente, gera também filhos mais sadios fisicamente e mentalmente (SARDINHA; FALCONE; FERREIRA, 2009).

Um dos meios primordiais para alcançar a satisfação conjugal, dissolvendo e manejando essas diferentes variáveis, geralmente é a comunicação. Ela se dá através do diálogo, que é necessário para um poder compreender o outro, pois elabora, ao mesmo tempo possibilita a integração dos princípios relativos ao indivíduo que levam o mesmo a se desenvolver de modo autônomo e autêntico (SANTIAGO, [20--]). A comunicação existe em todos os casamentos de forma verbal ou não, podendo ser usada de forma positiva para enriquecer o casamento ou negativa para desgastá-lo (ROGERS, 1974).

No ato do diálogo, o sujeito que fala tem o direito de transmitir o que sente e se preparar para ouvir o que o outro tem a devolver, pois nem sempre a devolutiva é do jeito que geralmente se espera, chegando em muitos casos, “devido à falta de empatia”, à discussão, sem conseguir entrar em um acordo. Caso contrário a esquiva

de conflitos adentra uma harmonia aparente, mas ocasiona enigmas sobre a verdadeira extensão das insatisfações dos cônjuges, podendo leva-los a desejar desafiar ou punir o parceiro, ou seja, de forma mais resumida, quem não discutir a relação, vai discutir na relação (SATTLER; TAVARES; SILVA, 2017).

Numa relação muitas vezes no momento da discussão, quando um vai perguntar, antes mesmo dele terminar, o outro já responde, isso não é diálogo, é discussão. “Na briga só existe o falar; no diálogo existe o falar e o escutar; ele pressupõe um certo ritmo, um tanto de silêncio e calma, que são imprescindíveis como forma de elaboração da comunicação” (SIMONETTI, 2009, p. 24). Discutir a relação não é para resolver problemas afirma Simonetti, e sim:

[...] criar um sentimento de ligação, para se sentir ouvido, sentir-se amado, pedir garantias, desfazer e às vezes fazer fantasias e coisas assim. Discutir a relação não é uma transação cognitiva, é uma transação afetiva, uma espécie de relação sexual não corporal, não no sentido do prazer evidentemente, mas no sentido da intimidade, do envolvimento, do enlaçamento (SIMONETTI, 2009, p. 26).

Em suas experiências clínicas com casais Rogers (1974) percebeu que não é a crise em si que destrói ou salva um casamento, e sim o fato de saberem usar a crise como oportunidade de crescimento. Geralmente é nos momentos críticos da vida conjugal que se tornam mais francos um com o outro, mais diferenciados um do outro, contraem assim maior autonomia como seres humanos diferentes, honestos e honrados, sendo capazes de mudar para novos planos de relacionamento e convivência. Assim pode-se fazer de uma crise como oportunidade de aniquilamento ou progresso, usando dela como escada para superação e amadurecimento.

No ato da comunicação, quando se expressa ao próximo e ao mundo, o indivíduo afirma sempre mais o seu vir a ser, por permitir-se indagar e pôr a si mesmo interrogações, com intuito de mais respostas para o propósito de sua existência com o outro e com o mundo. Antes mesmo de qualquer pronuncia e comunicação, é dialógico o comportamento de um com o outro, é sintonia de ação interior. O sujeito se constrói e reconstrói como tal por meio do diálogo, pois promove o respeito diante da liberdade do outro, ajustando e acomodando as ideias, ou seja, trocar opiniões e experiências, leva o sujeito a humanizar-se e humanizar (XAVIER; SZYMANSKI, 2015).

Sem o outro não tem comunicação, sem o outro não tem relação. A relação em conformidade com Guareschi (2008) é definido como sendo o ordenamento intrínseco de uma coisa em direção à outra, confirmando a ideia de incompletude. Contudo o ser humano é fruto de todas as relações que se estabelece ao longo de sua vida em interação com o meio. O ser humano é um ser de relações, ele é único e para se realizar necessita ser complementado pelo outro (LEVANDOWSKI; PICCININI; LOPES, 2009). É óbvio essa completude humana, confirmada por Neuhauser:

O homem aceita uma mulher porque sente que como homem lhe falta a mulher e a mulher aceita um homem porque sente que como mulher lhe falta o homem. A ambos falta o que o outro tem e cada um pode dar ao outro o que ele precisa. Portanto, para que o relacionamento de um casal dê certo o homem precisa ser e permanecer um homem e a mulher precisa ser uma mulher e permanecer uma mulher. (NEUHAUSER, 2006, p. 21)

O autor acima, por mais que revele a incompletude em relação ao gênero feminino e masculino, um atraindo ao outro para se completar, também afirma que todo relacionamento, independente se hétero, homoafetivo ou qualquer outro tipo de relação, até mesmo em uma relação apenas de amizade, se percebe que quando se completam entre si, um tem a oferecer ao outro, mesmo que inconscientemente o que precisa, numa corrente cíclica de interações de acordo com a necessidade interna de cada um, tem-se uma intimidade maior no sentido de combinar, de completude. Caso contrário pode ocorrer atrito, conflito e se rompe, ocorrendo o afastamento.

Como se sentir realizado no casamento respeitando a individualidade de cada um, e tendo essa relação de companheirismo? Isso pode existir quando o casal viver de modo empático fortalecendo a conjugalidade, que na maioria das vezes significa ceder diante das individualidades. Sendo assim essa união irá se manter enquanto for prazerosa e benéfica para ambos. Não esquecendo que devesse respeitar os espaços individuais com uma flexibilidade tamanha para não fragilizar os espaços conjugais, afirma Feres-Carneiro (1998).

A mesma assegura que, viver em harmonia essa relação demanda uma flexibilidade comum de interação que é reflexo da identidade conjugal. Ambos possuem uma identidade com seus desejos e desenvolvimento individual, e juntos constroem a identidade conjugal. O casal vive uma ambivalência entre realizar os ideais individuais e ao mesmo tempo os projetos e desejos conjugais, isso consiste num difícil convívio, mas possível de realização.

Compreende-se que os momentos de conflitos no casamento favorecem para o crescimento de ambos, pois é na dificuldade que geralmente se processa e atualiza o crescimento psíquico do casal. Cada ser é único com sua natureza complexa (SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2017).

Provavelmente devido essa natureza humana complexa que toda e qualquer dinâmica relacional necessita de habilidades sábias para permanecerem harmoniosas, do qual todos os envolvidos tenham ganhos secundários e o prazer permanente de continuar se relacionando (SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2017). Porém compreende-se o quanto é difícil o sujeito ser flexível nas relações de modo tão autêntico, porque cada um, possui naturalmente um instinto agressivo (SIMANKE, 2014).

Para Freud, os homens têm uma herança instintiva de agressividade, sendo essa propensão para a violência que dificulta as relações humanas (FREUD, 1968 apud OLIVEN, 2009). Numa relação cada um tem um direito, e no conflito de interesses usa-se da violência e do poder para resolver o direito que diz possuir (EINSTEIN; FREUD, 1932). Levando assim em consideração muitos casais não sabem usar de outras formas de resolver seus interesses individuais, e nenhum, às vezes, quer ceder de modo a preferir viver num clima de disputa com agressões verbais ou até físicas continuamente, parecendo uma “guerra” conjugal.

Todavia cabe recordar que conflito pode ser visto como necessário para o casal crescer; ele não é necessariamente destrutivo, o que vai determinar o “sucesso” ou o “fracasso” desse momento é a flexibilidade e habilidade de ambos os envolvidos para lidar com o conflito. Para os resultados positivos aflorarem é necessário afetos positivos, bom humor, resolução de problemas, acordo, aceitação, empatia e escuta ativa. Caso oposto, com desonestidade, chantagem, mentiras, manipulação, austeridade, dentre outros, as consequências desses conflitos serão destrutivas (FONSECA; DUARTE, 2014; PAIXÃO et al., 2014).

O principal denominador comum desses conflitos de opinião é a impossibilidade de um não perceber o outro como ele é, permanecendo egoísta, sendo que no casamento necessita-se do espaço de individualidade e desenvolvimento mútuo que muitas vezes não existe, ficando claro assim a pobreza interna do cognitivo de ambos (GOMES; PAIVA, 2003)

A dificuldade de ver o outro como ele é pode estar relacionado diretamente com a individualidade e na rapidez das mudanças das coisas, principalmente da atualidade. Como Bauman (2004), afirma que somos de certa forma “obrigados” a acompanhar essas mudanças, onde tudo é muito rápido e isso afeta também nossa capacidade de amar e de se apegar ao nosso próximo, sobretudo ao companheiro (a). Conseqüentemente observa-se os relacionamentos passageiros do tipo que se junta e dispõe quando quiser, em relação aos quais o casamento à moda antiga, “até que a morte os separe”, desgastou pela coabitação e agora foi trocado pelo “ficar juntos”, e quando não há mais o ganho secundário de um ou de ambos, troca-se por outro relacionamento.

Contudo, se no casamento tiverem dispostos e abertos à mudança e crescimento, encontrarão meios de interagir, em que cada qual se empenhará em resolver os interesses e promover o desenvolvimento pessoal favorecendo o do outro, num entranhado respeito mútuo.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar aspectos que interferem negativamente na convivência conjugal provocando desgaste entre os cônjuges, dificultando a troca de afetos e intimidade.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar um breve histórico da conjugalidade.
- Verificar a existência ou não de aspectos que revelem subjugo ou mesmo subserviência.
- Analisar se questões relacionadas ao machismo e a finanças interferem na convivência conjugal.
- Averiguar se a falta de diálogo é uma das causas que geram desgastes no casamento.

4 METODOLOGIA

O presente trabalho configura-se em uma pesquisa de campo exploratória descritiva e qualitativa, que expressa-se na observação atenta de um objeto ou fenômeno, pela qual visa esclarecer dúvidas referentes ao problema. Foi utilizado como instrumento de pesquisa uma entrevista semidirigida com questões norteadoras para obter dados e ter um resultado eficiente. A entrevista não necessitou de validação ou teste piloto por ser uma pesquisa qualitativa com questões norteadoras, aprovadas pelo CEP (Conselho de Ética e Pesquisa) sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE 87754318.2.0000.5601.

A seleção dos casais se deu através de convite de forma aleatória, sendo alguns convidados na feira, que fica na praça municipal no centro da cidade e os outros em um consultório de terapeuta holística na mesma cidade. Foram convidados treze casais, do qual, dez aceitaram o convite. Sendo os mesmos entrevistados em particular e individualmente, pois cada um tem seu ponto de vista em relação aos eventos ocorridos no casamento.

Foi necessário um amplo estudo sobre as questões principais, ou seja, desenvolvendo métodos para que se possa realizar uma pesquisa, entre casais heterossexuais, independentemente de sua situação legal, averiguando em si questões que se referem às dificuldades na conjugalidade.

A pesquisa teve como finalidade buscar por um resultado objetivo que visasse esclarecer dúvidas relacionadas a fatores que influenciam no sucesso ou fracasso da relação.

Realizou-se a entrevista com dez casais residentes no município de Alto Paraíso-RO, após ter aceito e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo todos os procedimentos éticos. A partir do qual, mensurou-se o risco mínimo provavelmente foi um certo desconforto emocional ao responder as questões, sendo utilizado tal instrumento: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que é baseado nos princípios competentes que visam o direito da classe alvo na escolha livre para a participação na pesquisa, respeitando a autonomia do indivíduo sobre sua escolha, do qual cada um assinou, dando seu consentimento.

. Foi realizado o esclarecimento quanto ao propósito do projeto, para que de posse das informações necessárias os casais convidados aceitassem ou não participar.

Na entrevista constaram perguntas sobre aspectos gerais da conjugalidade e posteriormente aspectos subjetivos referentes à relação. Para a análise dos dados sociodemográficos como os subjetivos, foi utilizado a técnica de análise de conteúdo na perspectiva proposta por Bardin, analisa-se o conteúdo, inferindo conhecimentos relativos a condição de produção qualitativa e quantitativa. Realiza-se a leitura flutuante de cada uma das respostas para verificar qual a melhor descrição representa o significado das respostas (BARDIN, 1977).

A análise das questões sociodemográficas foram lançadas em gráficos e analisadas percentualmente. Já as questões individuais subjetivas, foram realizadas em forma de leitura e releitura, fazendo apreciações das respostas e conectando-as de acordo com os mesmos significados, alcançando os resultados finais. Faz-se importante ressaltar a utilização da tabela do Microsoft Excel para a análise geral dos dados coletados, sendo este um método estatístico que auxilia e facilita a compreensão do leitor.

Os materiais utilizados foram: gravador Sony, cor preta como forma de registrar os dados em voz, para posterior transcrição, bem como papel, caneta, Notebook Samsung de cor preta e fone de ouvido.

Vale ressaltar a gama de material bibliográfico utilizado para a fundamentação teórica deste trabalho. As bases de dados consultadas foram Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), Periódicos Capes, Sites governamentais e Sites de livros virtuais. Os descritores utilizados na busca foram: Casamento, relações conjugais e conflitos conjugais. Os artigos encontrados foram analisados com base no título e resumo, seguido de leitura cuidadosa, síntese e interpretação dos dados. As buscas foram realizadas nos meses de fevereiro a novembro de 2018.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados a seguir, são resultados das entrevistas individuais da pesquisa realizada. Os mesmos foram analisados utilizando a categorização proposta por Bardin (1977). As informações foram organizadas em categorias, apresentadas em tabelas para melhor compreensão dos interessados.

Os gráficos e quadros a seguir representam dois aspectos, que são os sociodemográficos e as questões individuais, consecutivamente. Primeiramente são apresentados os gráficos sociodemográficos: a situação legal dos casais (gráfico 1); o tempo de casamento (gráfico 2); a quantidade de filhos (gráfico 3); a idade dos filhos (gráfico 4); a profissão dos entrevistados (gráfico 5); escolaridade dos entrevistados (gráfico 6) e se compartilham ou não as tarefas domésticas (07)

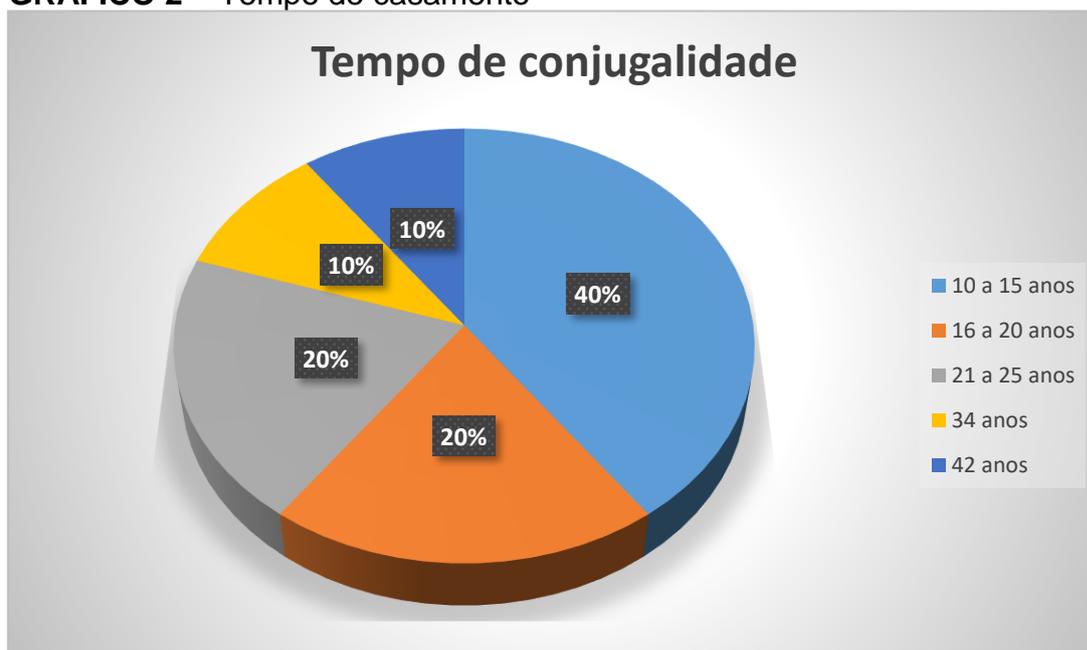
GRÁFICO 1 – Situação legal dos casais



No gráfico acima fica explícito que a porcentagem de casados civilmente (60%) ainda é maior que dos casais que declaram morar juntos ou de união estável. Na atualidade o exemplo de casamento moderno pode ser constituído por meio de adesões formais e informais, nos quais as funções de ambos os cônjuges não possuem delimitações rígidas e antecipadamente definidos, pois os mesmos têm

deveres e privilégios compartilhados (CENCI et al., 2017). Sendo isto já assegurado pela LEI nº 9.278, de 10 de maio de 1996, que regula o § 3º do art. 226 da Constituição Federal, por meio do qual é reconhecido como instituição familiar qualquer convívio duradouro, sendo responsabilidade de ambos compartilhados todos os direitos e deveres (BRASIL, 1996).

GRÁFICO 2 – Tempo de casamento



O tempo de conjugalidade variou entre 10 e 42 anos de casados ($m=20,6$). Os mais velhos de experiência conjugal trazem de forma clara os momentos de mais dificuldades na relação. Essa pesquisa confirma os resultados encontrados por Costa; Mosmann em 2015, que situam que os primeiros anos de casamento configuram-se como um período onde ambos vão se amoldando e se ajustando um ao outro, sendo um momento de conflitos mais acentuados; com o passar dos anos vem um segundo momento, onde procuram manter comportamentos que protegem a relação conjugal, mesmo que não sintam-se tão satisfeitos.

GRÁFICO 3 – Quantidade de filhos

Os casais com dois e três filhos, representa 30% e 40% respectivamente, aspecto relevante por ser uma pesquisa do interior do Estado de RO, e o resultado se contrapõe aos os dados do IBGE, que afirma que em 2018 o número estimado seria de 1,77 filhos por mulheres (ERVATTI, 2018). Pesquisas apontam que quanto maior a quantidade de filhos, maior a probabilidade de conflitos negativos, desarmonizando a dinâmica conjugal, devido o estresse emocional que geralmente aumenta de acordo com o crescimento do número de filhos (SBICIGO; LISBOA, 2009). Vale ressaltar que a porcentagem de casais com mais filhos neste trabalho, têm 18 anos de casados, e os filhos não moram todos na mesma casa, pois são de dois relacionamentos. Os mais velhos com 42 anos de casados, têm três filhos.

GRÁFICO 4 – Idade dos filhos



A idade dos filhos varia de 01 a 40 anos de idade, sendo que o maior número (25%) foi dos 16 a 20 anos. Nessa categoria percebe-se as diversas fases do desenvolvimento familiar, que vão desde famílias com filhos pequenos, com adolescentes e filhos adultos, etapa que lança alguns casais na síndrome do ninho vazio, dados relevantes para posteriormente ter melhor compreensão das nuances da conjugalidade.

GRÁFICO 5 – Profissão dos entrevistados

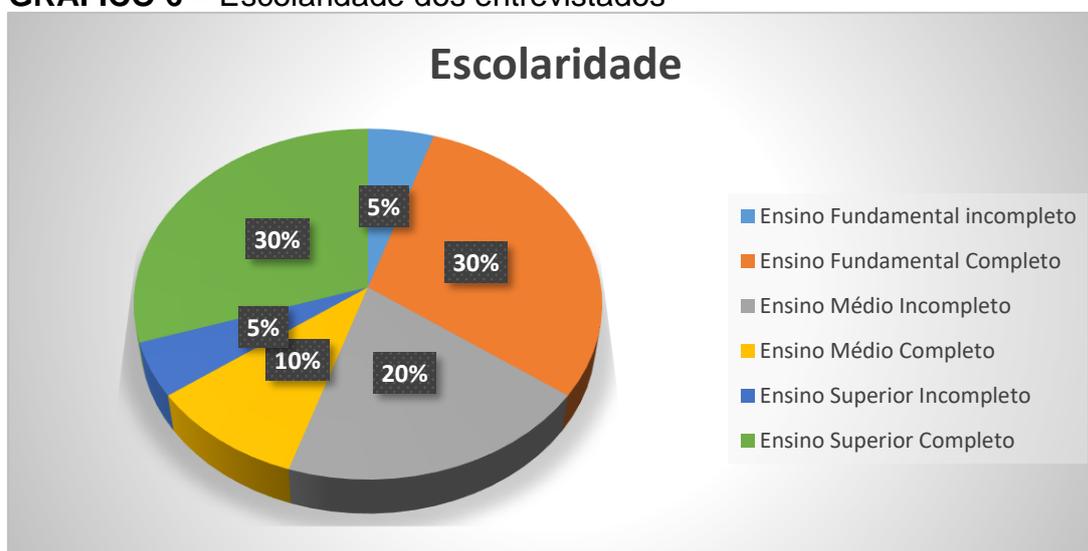


O gráfico apresenta as profissões exercidas pelos casais entrevistados, vale mencionar como os gêneros estão distribuídos. Temos 1 doméstica, que já possui

curso superior e no momento aguarda ser chamada para assumir um concurso; 1 professora; como agricultores temos 6 homens e 5 mulheres; como pecuaristas temos 1 homem e 1 mulher (casal); como empresário: 1 homem e 2 mulheres e como funcionário público: 2 homens.

Já no aspecto profissão 55 % declararam que são agricultores, moravam no sítio, mas atualmente migraram para a cidade e a maioria ainda tiram o maior percentil de ganho do sítio. Por aqui pode-se realizar novas reflexões sobre os dados do IBGE em relação a porcentagens de filhos, como afirmam Santos e Freitas (2011) que as famílias de baixa renda e as do meio rural, geralmente têm mais filhos.

GRÁFICO 6 – Escolaridade dos entrevistados



No tópico escolaridade vemos que 30% já completaram o nível superior; e 5% os que estão cursando uma graduação, correspondendo com o que afirma Barros (2015) estão aumentando cada vez mais a porcentagem de pessoas com nível superior.

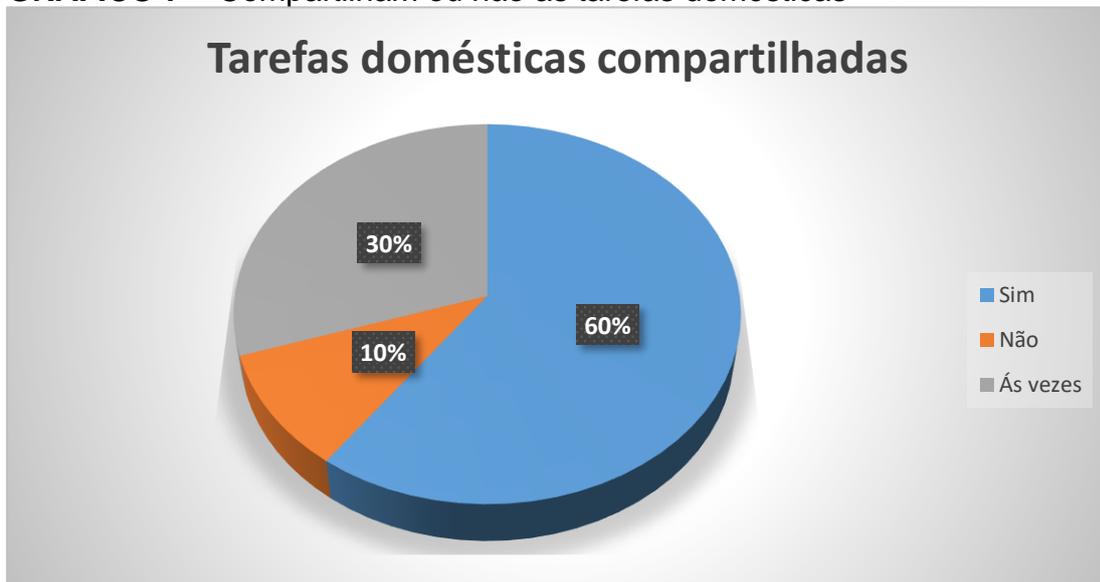
Os entrevistados com Ensino Fund. incompleto: 1 mulher; Ens. Fund. completo: 3 homens e 3 mulheres; Ens. Médio incompleto: 4 homens; Ensino M. completo: 1 homem e 1 mulher; Ensino Superior incompleto: 1 mulher; e Ensino S. completo: 4 mulher e 2 homens. Prevalece as mulheres as mulheres com escolaridade superior, 20% formadas e 5% se formando.

Atualmente ter nível superior não é garantia de emprego ou sucesso na área especializada, é o que se revela nesta análise que a maioria tem nível superior e estão

atuando em outras áreas afins. Ter nível superior já foi questão de *status*, hoje isso não condiz com a realidade.

Ouve-se geralmente que os sujeitos mais ignorantes por falta de conhecimento, ou seja, quem tem um nível de escolaridade menor tem mais probabilidade de viver relações conflituosas do que aqueles com maior grau de escolaridade, como confirmado por esses autores (CONGER; CONGER; MARTIN, 2010; SCHMIDT et al., 2015). No entanto essa pesquisa não confirma esta afirmação, pois os integrantes que afirmaram muitos satisfeitos são os que tem menor grau de escolaridade.

GRÁFICO 7 – Compartilham ou não as tarefas domésticas



No tópico tarefas domésticas compartilhadas percebe-se que é maior o percentil de casais que compartilham (60%). No entanto, como afirma Jablonski (2010) há uma dificuldade por parte dos homens em compartilhar essas tarefas de forma igualitária, ficando geralmente o maior peso para a esposa, de cuidar das crianças, da casa, fazer compras, lavar e passar, etc., gerando maior conflito pela busca de igualdade de direitos, confirmando a afirmativa da resposta de um entrevistado: “*eu faço quando ela me cobra*” (H3).

Na divisão de tarefas domésticas percebe-se as relações de subalternidade e dominação entre os sexos, manejados pelas junções do casamento com a solidariedade parentais, de forma sutil, ficam camufladas por meio de comportamentos coniventes familiares, perpetuando a cultura machista, onde as

mulheres são responsáveis pelo cuidado da família, da casa, e o homem o sustento financeiro, essa realidade ainda alcança uma boa parcela da população (SOUSA; GUEDES, 2016).

Até aqui foram analisados os dados demográficos, passaremos agora a discutir dados relativos a conjugalidade, mas sua análise é realizada individualmente, dessa forma podemos observar melhor como cada um dos cônjuges realmente se sentem nessa relação.

O primeiro quadro corresponde a questões de como os cônjuges se sentem em relação às tarefas domésticas.

QUADRO 1 – Sentimentos em relação às tarefas domésticas

Categorias	Homens	Mulheres
Compreensão	1	1
Passividade	1	-
Permissividade	-	1
Indiferença	1	-
Papel social	2	2
Vingança	-	1
Exaustão	-	1
Cobrança	2	-
Responsabilidade	1	-
Total	8	6

O número de frequência corresponde ao número de respostas.

Este quadro apresenta apenas 40% das pessoas entrevistadas, pois 60% responderam sim. Dos 40%, 10% disseram que às vezes compartilham as tarefas domésticas e 30% não compartilham, cabe pontuar aqui, que o interesse é saber do sentimento dos mesmos quanto a não divisão de tarefas.

Dos que responderam ter sentimento de **compreensão** a mulher diz: “*Só tem nós dois em casa, eu compreendo por que trabalha no pesado*” (M1). E o homem: “*a maneira da nossa convivência né, como ela não trabalha fora*” (H8).

No comportamento **passividade**, um esposo afirma: “*eu só chego em casa de noite então, sobra mais pra ela, e vai fazendo do jeito que dá*” (H1).

Os sentimentos de compreensão e passividade dentre outros, em relação as tarefas domésticas, é a afirmação clara da perpetuação contínua da subordinação e reprodução das relações de gênero, como afirmam Diogo e Maheirie (2008), geralmente as mulheres que trabalham fora quando não podem remunerar alguém para lhe ajudar em casa, são suas próprias filhas que ajudam na qualidade de principiante, eternizando como fato natural as relações de gênero no meio familiar. Os filhos homens nessa pesquisa não aparecem como auxiliares em casa. Provavelmente devido essa educação, ambos quando casados trazem essas respostas de compreensão, passividade e permissividade, perpetuando as significações não imutáveis do trabalho domésticos, como afirmada nesta fala: “*Como veio de berço, eu tinha seis irmãs, e só quatro filhos homens, nós ganhávamos tudo na mão, até toalha*” (H3).

Permissividade: “*nem gosto que ele faz, porque não sai do jeito da gente*” (M3). Essa fala exemplifica que em algumas situações as esposas permitem se responsabilizar totalmente pelas tarefas domésticas. Esse tipo de postura nos leva a categoria seguinte, a indiferença.

Indiferença: “*eu sempre chego e ela já fez tudo e foi sempre assim*” (H8). Essa fala elucida a construção histórica e cultural, principalmente dentro da sociedade capitalista, do qual sucessivamente coube a mulher a total obrigação pelas tarefas de casa e com os filhos (SOUSA; GUEDES, 2016), demonstrando a tranquilidade daquele que não se envolve com a situação.

Papel social: Nessa categoria, as respostas apresentam diferenças significativas, pois para os homens: “*não me sinto incomodado, porque é a maneira de nossa convivência*” (H8); “*como veio de berço, ganhávamos tudo na mão*” (H3); já para as mulheres: “*está só nós dois em casa [...] e ele trabalha bastante*” (M1); em outra resposta “*comecei a ficar menos na loja para poder fazer meu serviço mais tranquila então*” (M5). É fato que na realidade ainda prevalece a percepção clássica de divisão de tarefas, do qual a concepção simbólica do feminino é responsável pela

maior parte dos trabalhos domésticos (JABLONSKI, 2010), que historicamente seria a contrapartida delas devido ser sustentada no casamento pelo provedor (SOUSA; GUEDES, 2016).

O sentimento de **vingança** naturalmente floresce devido o jogo de poder implícito, do qual medem forças (Simonette, 2009) “[...] *na verdade tem um vingacinha, ele não me ajuda lá e eu não ajudo ele aqui*” (M5).

Esse jogo de vingança não envolve somente as tarefas domésticas, percebe-se também na sexualidade. O homem historicamente e literalmente tem a força física e o poder econômico dentre outros e a mulher também tem suas artimanhas e poder, como a fala, do qual usa para insultar e ferir a virilidade de seu cônjuge; em contrapartida, eles geralmente não usam mais do poder físico, igualmente sua esposa, usa da violência psicológica, como por exemplo chamá-las de gorda, nessa confusão se ferem, denegrindo-se. Diante da depreciação e menosprezo que envolve ambos, a intimidade diminui, eles ficam irritados e elas como desejam ser reconhecidas, desejadas e amadas deixam a sexualidade em segundos planos (LEVY; GOMES, 2008)

Exaustão: “*tem dia que a gente se sente sobrecarregada*” (M10). Esse sentimento confirma a declaração de REIS et al. (2006), que as mulheres sofrem mais de exaustão do que os homens. Devido a dupla jornada de trabalho, o remunerado e os afazeres domésticos, gerando tal sobrecarga (DIOGO; MAHEIRIE, 2008).

Cobrança: “*do outro lado tem cobrança*” (H6); “*se ela me pedir eu faço*” (H3). Aqui fica explícito que só há ajuda quando elas pedem.

Responsabilidade: “*compartilho, mas acredito que poderia ser melhor*” (H6). Já nessa declaração, o homem até sente ser responsável em dividir as tarefas e reconhece que poderia se esforçar mais.

Quando os esposos se apresentam participativos, realizando tarefas domésticas, mesmo que pouco, suas esposas ficam mais satisfeitas e diminuem as reclamações e cobranças dentro do relacionamento (GUIMARÃES; PETEAN, 2012). A declaração desses autores é confirmada nos itens cobrança e responsabilidade, nos parágrafos acima.

Já o quadro a seguir revela como o diálogo ou a falta do mesmo é experienciado, no cotidiano desses casais. A pesquisa também verifica que assuntos são mais frequentes entre eles.

Quadro 2 - Conseguem dialogar sobre experiências diárias?

Categoria	Homem	Mulher	Total (%)
Sim	5	7	60%
Não	1	-	5%
Às vezes	4	3	35%
Total	10	10	100%

O número de frequência corresponde ao número de pessoas.

O quadro dois demonstra a importância do diálogo no dia-a-dia, prevalecendo 50% dos homens e 70% das mulheres, afirmando dialogar sobre as experiências diárias. No entanto, esse diálogo muitas vezes é forçado, cada um se comunica de modo diferente, um não compreende a expressão do outro, prejudicando a dinâmica relacional do casal. Essa dificuldade na comunicação pode estar relacionada à diferença de critérios de avaliação devido a distinção de gênero, sobre o que é satisfatório ou problemático na relação, pois nem sempre o que é satisfatório pra um é para o outro, e vice-versa (MELO, 2008).

QUADRO 3 - Temas do diálogo.

Categorias	Homem	Mulher	Total (%)
Trabalho da esposa	1	-	5%
Trabalho do esposo	-	1	5%
Trabalho de ambos	-	1	5%
Desentendimentos	-	1	5%

Não deixa claro qual assunto	9	7	80%
Total	10	10	100%

O número de frequência corresponde ao número de pessoa entrevistada.

O assunto do diálogo a maioria não deixa claro, com 80%. Sendo que 5% deles declaram que fala mais do trabalho da esposa; e 5% delas que o assunto era sobre o trabalho do esposo; 5% que o assunto são trocas de experiência do dia-a-dia do trabalho de ambos; e 5% não tinha assunto, que ultimamente é só desentendimentos.

Compreende-se que o diálogo geralmente é usado como estratégia para resolução de conflitos. No entanto, na dinâmica do diálogo percebe-se que usam de ofensas para resolver as contestações e desacordos entre eles e quando não entra em consenso na resolução dos conflitos pode-se prevalecer agressões verbais mais intensas ou até mesmo retraimento devido desvantagens ou agressividade física (BOLZE et al., 2013).

Quadro 4 - Estão satisfeitos no relacionamento?

Categorias	subcategorias	Homem	Mulher	Total
Satisfeito	Temperamento	1		1
	Assertividade	3	1	4
	Nos damos bem	-	3	3
	Realização pessoal	1	3	4
	Realização familiar	2	-	2
	Tenho tudo na mão	1	-	1
	Qualidade do cônjuge	-	2	2
	Não deixa claro	-	1	1
Muito satisfeito	Assertividade	1	-	1

Insatisfeito	Não realização pessoal	-	1	1
Um pouco insatisfeito	Problemas do dia a dia	1	1	2
	Falta de diálogo	-	1	1
	Individualismo	-	1	1
Total		10	14	24

O número de frequência corresponde ao número de respostas.

Este quadro revela um fato importante: a satisfação no casamento, que a maioria, com afirmam ter, apesar das dificuldades do dia-a-dia.

A satisfação conjugal geralmente é construída de acordo com o ajustamento que vai ocorrendo ao longo dos anos de experiências, do qual vai se compartilhando ideias e desentendimentos, resultados dessas interações por intermédio da comunicação (ROSADO; WAGNER, 2015). Ela varia de acordo com o transcurso dos anos de vivência conjugal (SCORSOLINI-COMIN; DOS SANTOS, 2010).

A sexualidade conjugal é um dos principais fatores que leva à satisfação no casamento, pode-se considerar pelo menos duas etapas bem distintas: nos primeiros anos de vida a dois, a assiduidade da atividade sexual é maior, geralmente quase todos os dias da semana; paralelamente há máxima exigência de fidelidade, habitualmente marcado por alto índice de disfunção sexual, como ejaculação precoce e falta de orgasmo, mesmo que os cônjuges afirmam estar satisfeitos. Nesta fase há mais uma harmonia nas iniciativas dos atos sexuais, asseguram muitos apaixonados, do que posteriormente, sendo uma fase caracterizada de inexperiências, adaptação e construção da conjugalidade. Com a estabilidade conjugal depois de alguns anos, vem uma nova fase da atividade sexual, quando o ritmo das relações sexuais diminui e abrandam as disfunções. Os relacionamentos se voltam mais ao âmbito, consolidando a conjugalidade, materializando o vínculo, e, em muitos casos, fica explícita a diminuição da vivacidade dos sentimentos amorosos (BOZON, 2003).

Como Rogers (1974) afirma que a conjugalidade é um processo, descreve-se a seguir três momentos desse processo, ou fases, conforme asseguram alguns autores (CAMPOS; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2017) o primeiro relaciona-se aos 10 primeiros anos juntos, momento de estabilização e adequação, quando nota-

se uma sintetização da individualidade de ambos no sistema familiar. No segundo momento que envolve dos 10 aos 20 anos de convivência, ocorre um movimento do qual os filhos vão crescendo e tornando-se independentes, de modo que o casal recupera a autonomia da conjugalidade, ou mesmo o temor de rompimento de vínculo. Finalmente, chega a fase madura, momento de ninho vazio e ascensão da conjugalidade.

Com esta pesquisa notou-se claro o movimento que ocorre na conjugalidade de acordo com cada fase do processo conjugal ao longo dos anos de experiências. Esses autores afirmam todas essas fases: “recém-casados, novos pais, meia idade, ninho vazio e avós”; as mesmas são apontadas com qualidades únicas que favorecem os cônjuges se moldar e encarar, desafiando as significativas ocupações existenciais em conformidade com cada momento (FERES-CARNEIRO; DINIZ NETO, 2010, p. 275).

Na categoria dos que respondem **satisfeitos**, as razões (subcategorias) para tal afirmação variam, incluindo respostas como: temperamento; realização pessoal; assertividade; “*nos damos bem*”; realização familiar; “*tenho tudo na mão*”; qualidade do cônjuge e um não claro a resposta. Como componentes da categoria de satisfação temos:

- **Temperamento:** “*chatinha, empurrando com a barriga, vamos levando até onde que der certo, quando não der, cada um segue o seu destino, tem que saber suportar o dilema do dia a dia senão a gente não consegue viver*” (H1);

Os conflitos diários são de distintos modos e diversos fatores em alguns relacionamentos, o que leva certas pessoas a acreditarem que todos os relacionamentos são permeados de hostilidades. Entende-se que o conflito geralmente é inevitável para resolver os problemas diários, de modo que os casais que são flexíveis e possuem habilidades para mediar e solucionar os mesmos, são saudáveis psiquicamente na perspectiva de observação e entendimento terapêutico (BOLZE et al., 2013).

A conjugalidade na atualidade ainda mantém sua posição de mantenedora da organização social e para isso percebe-se uma transformação contínua e flexível, na qual os dois procuram a autonomia e satisfação individual. Caso esta não ocorra, pode haver rompimento como estratégia de saída para os desencontros de interesses (CAMPOS; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2017).

- **Assertividade:** *“A gente procura fazer as coisas de acordo um com o outro, para que aconteça de comum acordo entre os dois e assim funciona melhor”* (H2);
- **Nos damos bem:** *“já houve alguns desentendimentos que é normal de um casal, mas nos damos muito bem”* (M2);

O exercício daquilo que o casal vai aprendendo ao longo dos anos para se adaptar as necessidades mútuas é uma ferramenta para manter e melhorar a satisfação no relacionamento, essas experiências auxiliam na estabilização da conjugalidade (MOSMANN; WAGNER; FERES-CARNEIRO, 2006).

- **Realização pessoal:** *“O fato de nós temos a filha, construir uma família, ter uma companheira ao lado da gente, pra nos ajudar, nos acompanhar e compartilhar os momentos bons e ruins”* (H5);
- **Realização familiar:** *“estamos conversando melhor sobre os negócios se fazemos ou não, conversar sobre o que é melhor pra nossa família [...] pra mim é uma das melhores fases que estamos vivendo, pois é uma fase de mudanças pra melhor”* (H6);

A realização e a felicidade de ambos no casamento estão vinculadas à segurança, estabilidade e ao sentimento de pertencimento, conseqüentemente alcançar a realização pessoal que deseja por meio da vivência do afeto, da sexualidade e do livre arbítrio. É principalmente o suporte familiar que muitos buscam como investimento para realização, idealizando alcançar respostas aos seus anseios emocionais, sexuais, afetivos e materiais, que vão se adaptando e se moldando diariamente, consolidando a conjugalidade (AMORIM; STENGEL, 2014).

- **Tenho tudo na mão:** *“Tem cama, tem comida, o companheirismo é satisfatório, eu não tenho o que reclamar da minha vida”* (H4);
- **Qualidades do cônjuge:** *“amoroso, compreensivo, coração “enorme”, pessoa direita, respeito”* (M3);
- **Não deixa claro:** *“Apesar de algumas coisas claro, que tem que melhorar, eu estou satisfeita”* (M6).

Nessas três declarações seguidas acima pode se fazer uma ligação com as questões sociais com relação aos papéis que homens e mulheres historicamente foram construindo e ainda exercem, estando condicionados dentro dos padrões normais da conjugalidade. Tais aspectos socialmente instituídos sinalizam a presença de uma satisfação ligada ao conformismo, tal como ilustrado na expressão: “para quê

reclamar?”. Tal fenômeno foi naturalizado e perpetuado, sendo apenas isso que os envolvidos conhecem; mesmo que tenha desigualdade de gênero e sofrimento implícito, é uma ordem social de tradição patriarcal (ROLIM; FALCKE, 2017). Como afirmam Amorim e Stengel (2014) acostumaram-se assim e afirmam serem felizes. Atualmente esses papéis vem sofrendo transformações e não há fronteiras severas e definitivas de forma antecipada e o padrão tradicional ainda existe, sendo reforçados pela família de origem, no entanto, com uma maior flexibilidade, onde os deveres e privilégios são compartilhados (CENCI et al., 2017).

Já na categoria **muito satisfeito** a resposta incluía assertividade, ou seja, habilidade social, que pode ser descrito como um conjunto de condutas realizada pelo sujeito diante de situações embaraçosas, de forma que a mesma consiga sobressair de modo a elevar os ganhos e diminuir os danos para todos os envolvidos na dinâmica relacional, seja esta qual for, tanto no casamento quanto socialmente, ou melhor, quando o sujeito consegue ser socialmente habilidoso (TURINI BOLSONI-SILVA; CARRARA, 2010). Temos aqui uma resposta que exemplifica o comportamento assertivo na conjugalidade: *“tem um pouco de atrito que é normal, mas digo que de 90 a 95% a gente sempre se entendeu em todos os sentidos por isso me sinto muito satisfeito”* (H8).

As categorias **satisfeito** e **muito satisfeito** no relacionamento, se relacionam à declaração (SBICIGO; LISBOA, 2009) que satisfação conjugal é um julgamento subjetivo, resultado da consideração para com a relação, desde que alcançado os desejos e necessidades, como também retribuir à expectativa do cônjuge. Oscila de acordo com vários fatores, como: quantidade de filhos, sexo, nível escolar, fator socioeconômico e cultural, atributos da personalidade, influência da família de origem, habilidade de comunicação, habilidades em solução de problemas e flexibilidade em se colocar no lugar do outro.

Mesmo afirmando serem felizes no casamento e bem sucedidos profissionalmente, a quantidade de mulheres que afirmam insatisfeitas no relacionamento é maior que os homens, confirmando a pesquisa de Schmidt et al. (2015) e o que leva a essa compreensão é que, na atualidade, o fato de as mulheres terem avançado ganhando espaço no mundo do trabalho, sua jornada de trabalho duplicou, não sendo correspondida pelo cônjuge na divisão das obrigações

domésticas, emergindo assim o sentimento de desigualdade no relacionamento, conseqüentemente gerando mais insatisfação.

Na categoria **insatisfeito** no relacionamento, declara-se que é por causa da **não realização pessoal**: “*estou caminhando de acordo com os projetos dele, não os meus*” (M5).

Alguns autores na realização de seus trabalhos perceberam que há muitos casais insatisfeitos, porém com relacionamento regular e estável, as características atrativas e os fatores positivos que afloraram consequência das experiências juntos, são poucos, mas as barreiras para decisão de separação são numerosos (MOSMANN; WAGNER; FERES-CARNEIRO, 2006).

E na categoria **um pouco insatisfeito** no relacionamento, as respostas incluem: problemas do dia-a-dia; falta de diálogo e individualismo.

- **Problemas do dia a dia**: “*tem nossos problemas do dia a dia*” (H3);
- **Falta de diálogo**: “*devido à falta de diálogo mesmo*” (M9); e
- **Individualismo**: “*não conseguimos fazer planejamento junto, faz por conta própria*” (M9).

Nessas duas últimas categorias correspondentes à “insatisfeito” e “um pouco insatisfeito” no relacionamento, fica claro a declaração de Feres-Carneiro (1997) que a insatisfação geralmente suscita quando as expectativas não são alcançadas, aflorando conflitos entre os ideais individuais que incitam a autonomia dos cônjuges na relação, ressaltando que os mesmos devem favorecer o amadurecimento e progresso um do outro, ao mesmo tempo em que necessitam vivenciar a conjugalidade, alcançando os anseios e planos conjugais.

O que faz aflorar esses conflitos é a necessidade da interdependência e a negação da mesma, formando uma confusão mental nos envolvidos, ficando perdidos, sem saber que rumo tomar ou a melhor maneira de agir; conseqüentemente um ou outro revela-se insatisfeito (MELO, 2008).

O próximo quadro revela alguns dos principais momentos e motivos que geram conflitos na relação conjugal dos entrevistados, e permite que cada entrevistado apontasse mais de uma categoria em suas respostas.

QUADRO 5 - Quais os fatores de conflitos?

Categorias	Homens	Mulheres	Total
Frequência de relações sexuais	1	3	4
Temperamento	1	-	1
Falta de Diálogo	1	2	3
Educação dos filhos	3	7	10
Papéis sociais	1	-	1
Ninho vazio	1	-	1
Finanças	1	5	6
Individualidade	1	1	2
Vida profissional	1	3	4
Rede social	1	-	1
Não há conflito	1	1	2
Mudança geográfica	1	-	1
Maternidade	-	1	1
Religiosidade	-	1	1
Convivência com a família de origem	1	1	2
Distância da família de origem	-	1	1
Total	15	26	41

O número de frequência corresponde ao número de respostas dados por cada indivíduo.

- **Frequência de relações sexuais:** as mulheres apontam mais reclamações sobre as frequências sexuais devido a cobrança deles, no entanto apenas um homem afirmam que a frequência é insatisfatória e gera conflitos entre os mesmos, “O fator

que mais gerou desgaste e gera ainda é a parte da sexualidade e que eu não consigo falar sobre isso, é difícil explicar” (H1). Ela: “O que mais desgastou o nosso relacionamento foi a sexualidade que ele me cobrava muito e eu não correspondia e não sedia” (M1).

Observando o quadro nº 5, a frequência de relação sexual e vida profissional, aparece em terceiro lugar nas respostas, apontada como fator gerador de discórdia e hostilidade. Em outras pesquisas essas categorias também aparecem como fator de conflito (MOSMANN; FALCKE, 2011; COSTA; FALCKE; MOSMANN, 2015; ZANELLA DELATORRE; SCHEEREN; WAGNER, 2017). Não esquecendo que esse fator de conflito desarmoniza a dinâmica relacional favorecendo a manifestação desses fatores citados a seguir. Pois a sexualidade pode ser compreendida como construída socialmente e o não cumprimento do papel de parceiro sexual favorece o companheiro não cumprir o papel de provedor financeiro, cuidador e esposo, além de reagir com comportamentos não desejados pela companheira, como nervosismo, intolerância e distanciamento (GARCIA; TASSARA, 2003).

- **Temperamento:** *“hoje nós dois dá de frente, ele tem um pensamento eu tenho outro” (M3);*

O temperamento difícil do parceiro(a) afeta a qualidade do processo de comunicação entre os cônjuges, culminando em uma via de mão dupla, do qual a parceira revida com sentimentos de ansiedade e hostilidades (GARCIA; TASSARA, 2003), confirmado nas respostas dos fatores temperamento e falta de diálogo. Como afirma Oliveira (2009), o diálogo é o melhor instrumento para enfrentar e solucionar os desafios que a vida a dois vai acarretando.

- **Falta de Diálogo:** *“não tinha o diálogo, então tinha conflito, porque não conseguia sentar e dialogar e fazer projetos juntos” (M9);*

- **Papéis sociais:** *“toda a vida eu trabalhei fora porque minha preocupação era sustentar minha família, e ela sempre ficou em casa cuidando dos filhos e da casa” (H8);*

São vários os papéis sociais que implicitamente geram conflitos, no entanto o que muitos reivindicam não é a mudança profunda na compreensão do papel feminino e masculino, e sim a colaboração recíproca de ambos nas responsabilidades conjugais (GARCIA; TASSARA, 2003).

- **Educação dos filhos:** 7 mulheres/ 3 homens, responderam que esse fator como gerador de conflito na relação. Ex: *“a educação dos meus filhos parece que cabia só a mim, eu me sentia responsável, eles foram entrando na fase de adolescência, eu sentia que eu precisava dele, mas parece que ele não enxergava [...] me sentia muito sobrecarregada”* (M1).

No quadro “conflitos conjugais” prevalece com a maior quantidade de respostas a questão da **educação dos filhos**. Alguns autores afirmam em sua pesquisa que os filhos aparecem como o terceiro maior motivo de conflito conjugal (COSTA; FALCKE; MOSMANN, 2015). Quanto mais filhos, mais estresse entre o casal (SCHMIDT et al., 2015). Já nesse outro estudo apresenta em primeiro lugar (MOSMANN; FALCKE, 2011) corroborando com essa, do qual prevalecem eles no ápice das respostas como motivo predominante de conflito pela maioria dos respondentes.

“Um tempo que abalou muito nosso casamento foi na época que os meninos foi entrando na adolescência, não conseguíamos muito conversar, afastamos um do outro a ponto de chegar quase separar” (M4).

“A educação dos filhos [...] ele deixa os meninos a vontade, eu prefiro colocar limites, não entramos no acordo e isso está no momento gerando uma desarmonia entre a gente” (M6).

Esse desfecho pode estar vinculado às etapas fundamentais ao longo da convivência conjugal. Os participantes dessa pesquisa trazem em suas respostas quando falam da educação e da adolescência desses filhos. Confirmando a afirmação de alguns autores que a não assertividade dos acordos no exercício da função parental pode ser percebidos pela prole, produzindo ainda mais dificuldades para os progenitores e criando assim mais conflitos. Essas dificuldades dos desencontros de opiniões dificultam o exercício da função parental, provocando reflexos na conjugalidade (MOSMANN; FALCKE, 2011).

- **Ninho vazio:** *logo depois que os meninos saíram de casa foi um momento muito difícil, ela brigava demais. O médico falou que ela estava sofrendo do “mal do ninho vazio”* (H3).

O ninho vazio é descrito como uma fase da qual o casal volta a viver sem os filhos, coincide com o momento da menopausa, período esse em que as mulheres

geralmente sofrem mudanças de humor e as famosas ondas de calor e para alguns casais pode representar um período de hostilidades entre si, ocasião também que necessitam se adequar a mudanças da função de pais (RAUP; MYERS, 1989). Apesar de alguns casais sofrerem com esse momento, outros podem viver uma vida melhor - sofrem com a saída dos filhos, mas aliviam a exaustão que a casa cheia proporciona (SARTORI; ZILBERMAN, 2009).

- **Finanças:** “o financeiro foi muito difícil! Que eu me lembro eu fiquei quinze anos dentro de casa, eu dependia dele” (M1); “fica me questionando que está gastando muito, eu vivi este momento de desemprego sem dinheiro” (M9);

Vale ressaltar outro fator importante que são **as finanças**. Para alguns sujeitos o financeiro representa uma necessidade de sustento, sobrevivência ou interesses individuais; porém, para outros pode significar segurança, igualdade, competência e necessidade de domínio sobre o outro (COSTA; FALCKE; MOSMANN, 2015) nesse estudo aparece em segundo lugar na quantia de respostas como responsável por parte de conflitos conjugais.

Vale advertir que o financeiro/econômico é um dos fatores primordiais que favorecem o desencadeamento de problemas, chegando muitas vezes até à violência conjugal. No discurso de mulheres de sua pesquisa, Paixão et al. (2014) declara que ainda atualmente existem muitos exemplo os quais mostram que o sujeito masculino percebe-se como o dono da verdade, tem razão acima de tudo e necessita estar no domínio da situação, que suas senhoras lhe devem total obediência e subserviência, se comportando como ser que não tivessem desejo e nem opinião própria, principalmente em casos nos quais elas são dependentes de seus companheiros.

- **Individualidade:** “o que traz um pouco de conflito são os projetos, os planos, o que cada um gosta, o que cada um pretende” (H5); A individualidade no casamento, ao mesmo tempo que gera transtorno, também gera satisfação. Vai depender do quanto ambos são habilidosos na resolução de conflitos, necessitando muitas vezes renunciar planos individuais, ganhando assim na conjugalidade, realizando projetos em comum, fortalecendo os espaços conjugais (FERES-CARNEIRO, 1998).

- **Vida profissional:** “minha não realização profissional que ele não me favorece nada para eu poder me realizar [...] já briguei tanto com ele pelos meus sonhos, que ultimamente tenho me afastado e vou resolvendo como dá” (M5); A realização profissional traz satisfação ao indivíduo e promove melhor qualidade de vida. As

pesquisadoras Senicato, Lima e Barros, numa pesquisa realizada em 2016 confirmaram que mulheres que são realizadas profissionalmente são mais felizes conjugalmente, tratam seus companheiros com menos hostilidades e desenvolvem menos doenças crônicas.

- **Rede social:** *“fica respondendo muito no Whats, ligando, aquela coisa, e deixa a desejar em casa; não dá tenção pra mim nem para as crianças, eu já reclamei até com ela, isso nos prejudica bem”* (H7); Já se encontra na literatura várias pesquisas afirmando que as redes sociais podem favorecer os conflitos relacionais, tanto quanto promovem resoluções de problemas. Como esclarecem Canezin e Almeida (2015), na atualidade as redes sociais são meios de comunicação cada vez mais necessários para facilitar o dia a dia, ferramenta básica na construção do indivíduo contemporâneo, sendo um fenômeno que está modificando cada vez mais os relacionamentos em geral, inclusive o casamento, responsável por estimular desavenças, ciúmes e conflitos conjugais.

- **Não há conflito:** *“a gente graças a Deus, tivemos algumas dificuldades, mas não considero conflito, porque não afetou o nosso conjugal”* (H8).

- **Mudança geográfica:** *“Santa Catarina e eu tive que acompanhar ele pra cá, isso pesou muito, muito, muito... até hoje eu penso que eu estou aqui só por causa dele”* (M5);

Existem muitos casos conjugais contemporâneo os quais e em busca de melhores condições econômicas o casal necessita mudar de cidade ou até mesmo de Estado, terminando pela satisfação e realização pessoal de um, e o outro se abstém e se anula em relação ao seu cônjuge (OLIVEIRA, 2009), determinando a mudança como fator de conflito conjugal, o que se percebe nesta resposta.

- **Maternidade:** *“Eu me preocupo tanto com os meus filhos pra que eles não passassem pelo que eu passei e esquecia de mim, não me cuidava, e nem dava atenção para o meu esposo”* (M1);

Famílias com filhos pequenos se não tiverem cuidado podem deixar a conjugalidade desgastada, pois podem demandar maior atenção, priorizando sempre os filhos, deixando o cônjuge de lado. Esse comportamento é praticado mais pelas mães principalmente nos dois primeiros anos de vida; algumas mulheres apresentam o desgaste natural do momento, outras podem até cair na depressão, o que nem sempre é reconhecido pelo esposo (FRIZZO et al., 2010).

Os filhos podem aumentar os conflitos conjugais, ou implicitamente alguns genitores usam os filhos para fugir de algumas responsabilidades conjugais, envolvendo-os em desentendimentos do casal. O conflito pais/filhos geralmente é apontado mais pelas mães (HAMEISTER; BARBOSA; WAGNER, 2015). É o que confirma também essa pesquisa.

- **Religiosidade:** *“ele estava na coordenação da igreja, foi muito difícil! Ele deixava mais a parte da família e dedicou muito a igreja. Isso durou 2 anos e pouco eu brigava muito com ele nessa época”* (M6);

Na literatura a religiosidade é apontada como fator positivo para enfrentamento e resolução de problemas conjugais (FARIA; SEIDL, 2006; ZANELLA DELATORRE; SCHEEREN; WAGNER, 2017). Entretanto, percebe-se nesta resposta que foi a priorização do tempo dedicado à religiosidade, deixando a família em segundo plano, que gerou conflito.

- **Convivência com a família de origem:** *“o pior foi o momento que moramos com a mãe dele, não dava conta! Devido morar tudo junto, não tinha privacidade, brigava muito com ele”* (M10);

- **Distância da família de origem:** *“a distância da minha família, que é um empecilho”* (M5);

A influência da família de origem pode ser positiva ou negativa, ela não é somente importante para a transmissão de valores, mas também de costumes e formas de experienciar os laços afetivos (SCORSOLINI-COMIN et al., 2015). Vale ressaltar que a família de origem transmite disfuncionalidades e que são necessárias “amputá-las” para o crescimento do novo casal, evitando assim muitos conflitos e desestabilidade conjugal (FERES-CARNEIRO, 1998; QUISSINI; COELHO, 2014). Percebe-se, assim, uma incongruência na qual, o correto não seria a integração absoluta e categórica, nem a separação total da família de origem, pois as recordações primárias e o funcionamento familiar são importantes, representando o conceito de família e de pertencimento a uma estrutura, colaborando para o bem estar no desenvolvimento do casal e de sua prole (BANDURA et al., 2011).

O quadro abaixo demonstra como resolvem os problemas do dia-a-dia que vão surgindo.

QUADRO 6 - Como resolvem os problemas do dia-a-dia?

Categorias	Homens	Mulheres	Total
Diálogo	9	9	18
Não fazem nada, deixa acontecer	1	2	3
No silêncio	1	-	1
“Dá de ombros”	-	1	1
Total	11	12	23

O número de frequência corresponde ao número de respostas.

Este quadro aponta o diálogo como imprescindível meio de resolver os problemas do dia-a-dia. O diálogo é a estratégia de resolução de conflito mais adequada em toda dinâmica relacional; no entanto, o casal geralmente usa expressões psicológicas agressivas leves para resolver os mesmos, como: ofensas, chingamentos, gritos, dentre outras afrontas, e quando não alcançam o que desejam podem até chegar as agressões físicas (BRAZ; DESSEN; SILVA, 2005; BOLZE et al 2013). Se notava em alguns relatos, alguns cuidados e comportamentos de manobras, nas tentativas de contornar os constrangimentos, podendo concluir que esse diálogo nem sempre se dá de forma harmoniosa, corroborando com a afirmação dos autores supracitados.

CONCLUSÃO

Embora essa pesquisa tenha sido realizada com um pequeno número de participantes, considera-se que os resultados são relevantes, permitindo assim, esclarecer dúvidas sobre as questões que mais desgastam a intimidade conjugal, se comparado com outros estudos do tema em outras regiões do país, já citadas ao longo do trabalho, percebe-se que os problemas de conflitos na conjugalidade, independente da região geográfica e das diferentes formas de casamento da atualidade, são geralmente os mesmos.

Vale ressaltar que os dados dessa pesquisa contribuem para o melhor entendimento da dinâmica conjugal, e ao mesmo tempo instigam novas pesquisas na mesma linha. Poderíamos citar o número de filhos que, nessa pesquisa apresentou número maior que o estimado pelo IBGE para 2018, que era de 1,77 por mulher. Relevante por ser um dos fatores que geram conflitos, quanto mais filhos, mais conflitos conjugais. Outro dado importante foi a escolaridade dos integrantes, se comparando com outros dados da literatura, onde autores afirmam que pessoas com menor nível de escolaridade e renda baixa, tem maior probabilidade de se envolver em relacionamentos conflituosos, informação que diverge nesta pesquisa, pois os integrantes que responderam maior satisfação e menos conflitos conjugais, tem ensino fundamental incompleto.

Outro dado relevante e que afirma o casamento como campo de batalha, é exemplo típico do casal nº 5, onde o esposo responde que é satisfeito na relação, no entanto a esposa não. Devido não combinar nos pontos de vista em relação à divisão das tarefas domésticas, que como ele não ajuda ela, ela também não ajuda ele. Ele afirma satisfeito com sua profissão e ela não. Ele não favorece ela em seus sonhos e realizações profissionais, mas também não a proíbe de correr atrás. Devido isso ela afirma que ultimamente em seu casamento não tem diálogo, é só discussão, mas que agora depois de 10 anos de casados, está correndo atrás de seus sonhos, fazendo sua faculdade e buscando se realizar profissionalmente. Os dois afirmam que são empresários, sendo a esposa respondente como titular pela empresa, e mesmo assim revela-se insatisfeita, pois a empresa é sonho e realização dele e não dela, afirma que deixou tudo para seguir ele, família em outro Estado, profissão de modelo, para seguir o mesmo, em nome do “amor”. Neste exemplo fica explícita a incoerência do sujeito

muitas vezes esperar do outro ou da própria relação a responsabilidade de solucionar suas necessidades internas, terminando isso em conflito conjugal, na difícil tarefa de realização individual e ao mesmo tempo realização dos projetos e planos conjugais.

A seguir os aspectos que interferem negativamente, dificultando a troca de afetos e intimidade, desgastando a conjugalidade, de acordo com a relevância que a pesquisa traz. Vão desde educação dos filhos (10r)³, finanças (6r), frequência sexual, vida profissional (4r) e falta de diálogo (3r). Apesar desse resultado, 85% dos entrevistados afirmam estarem satisfeitos ou muito satisfeitos no relacionamento. Cabe ressaltar aqui que toda a subjetividade da qual o ser humano é dotado, ao unir-se com o outro, naturalmente fomenta com que os atritos apareçam (Feres-Carneiro 1998), motivando com que muitos relacionamentos sejam permeados de hostilidades diariamente, de modo que os indivíduos se acostumam e aceitam como verdade única, que toda relação é conflituosa (BOLZE et al., 2013). Em alguns casos pode ocorrer que um dos cônjuges se anule em relação ao outro, caindo às vezes até em depressão, e mesmo assim, quando questionados, afirmam estar satisfeitos (NEVES; DUARTE, 2015). Para exemplificar o que foi dito, temos a fala do pesquisado H1: “*A convivência a dois é cheia de dilema, né? Não adianta você falar que é mil maravilhas que não é, a gente tem que saber suportar o dilema do dia a dia, senão a gente não consegue viver*” (H1).

Autores como Mosmann; Wagner; Feres-Carneiro (2006) contribuem dizendo que no casamento conflituoso, porém estável, ambos os cônjuges se acostumam assim, e afirmam que a separação traz tantos problemas, dificuldades e desafios, que é mais vantajoso continuar do jeito que está “suportando o dilema” do que separar.

A mulher geralmente enfrenta o conflito buscando resolução e o homem comumente se esquivava (ZANELLA DELATORRE; SCHEEREN; WAGNER, 2017), “*ele vira as costas e vai embora*” (M9). Muitas vezes quando um integrante da família vem para terapia individual, como paciente identificado, o problema geralmente está em algum dos responsáveis da família, e infelizmente muitos não aceitam mudança, preferindo permanecer no conflito (GOMES, 1986): “*o tratamento do nosso filho, porque eu vou atrás e ele acha que não precisa, e daí falo pra ele o que o médico disse e ele fala que eu estou fantasiando*” (M9). Porém, no final, quando tudo dá certo,

³ R – Respostas.

gera satisfação nos maridos, a flexibilidade de as esposas resolverem conflitos (VILLA; DEL PRETTE, 2013).

A falta de diálogo não apareceu como uma das principais queixas de conflitos, ao contrário, na categoria como resolvem os problemas do dia-a-dia, surgiu como a melhor solução. No entanto, percebe-se na maioria dos entrevistados, alguns de forma mais explícita, que esse diálogo geralmente ocorre num momento forçado. Nestas ocasiões se esquivam até a situação obrigar a sentar-se, conversar e entrar em um acordo; ou seja, as experiências diárias do relacionamento forçam ambos a serem congruentes e aprenderem a se comunicar. Percebe-se que boa parte se esquivam do diálogo, de forma a manter uma harmonia aparente, e que em algum momento vem à tona e causa uma desarmonia em seguida; todavia esse conflito, conforme trazem alguns autores, é necessário para o bom desenvolvimento e satisfação conjugal.

Atualmente está muito mais acessível encontrar ajuda para resolução de conflitos relacionais. Mas como se percebe, ainda são pouquíssimos os casos que vão em busca de auxílio profissional psicológico, ou mesmo, com outro tipo de profissional que possa auxiliar nesse sentido, tendo um olhar de normalidade e nem se percebe que esses conflitos geram doença, e o oposto também, que os momentos de mágoas e conflitos geram crescimento potencial. É viável conciliar autonomia, fluidez nos relacionamentos amorosos, podendo viver de modo mais harmonioso do que conhecem, pois como afirma Neves e Duarte (2015) a harmonia na conjugalidade gera saúde mental e física.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Ana Nascimento de; STENGEL, Márcia. Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal v. 19, n. 3, p. 179-188, setembro, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2014000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 outubro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2014000300003>.
- ARAUJO, Clara; SCALON, Celi. Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 21, n. 62, p. 45-68, outubro, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 agosto 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092006000300003>.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 70-77, junho, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 de Julho de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>.
- AYRES, Carla Simara. Mulheres, realidade social e desafios emancipatórios. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 619-621, agosto, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000200619&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 agosto 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n2p619>.
- BANDURA, Albert; et al., Impacto f Family Efficacy Beliefs on Quality of Family Functioning and Satisfaction with Family Life. **Applied Psychology: an international review**, 2011, 60 (3), 421–448 doi: 10.1111/j.1464-0597.2010.00442.x. Disponível em: <https://www.uky.edu/~eushe2/Bandura/Bandura2011AP.pdf>. Acesso em: 22 outubro 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições70, Persona. São Paulo, 1977.
- BARROS, Aparecida da Silva Xavier. Expansão da educação superior no brasil: limites e possibilidades. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 36, nº. 131, p. 361-390, abr.-jun., 2015 3. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v36n131/1678-4626-es-36-131-00361.pdf>. Acesso em 29 setembro 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2004.
- BETIOL, Maria Irene Stocco; TONELLI, Maria José. A mulher executiva e suas relações de trabalho. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 17-33, dezembro, 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-

75901991000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 agosto 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901991000400003>.

BOLZE, Simone Dill Azeredo et al. Relacionamento Conjugal e Táticas de Resolução de Conflito entre Casais. **Actual. psicol.**, San José, v. 27, n. 114, p. 71-85, 2013. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0258-64442013000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 outubro 2018.

BOZON, Michel. Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 20, p. 131-156, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 outubro 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332003000100005>.

BRASIL, 1996. Lei nº 9.278, de 10 de maio de 1996. Brasília, 10 de maio de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9278.htm. Acesso em: 28 setembro 2018.

BRAZ, Marcela Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora; SILVA, Nara Liana Pereira. Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005, 18(2), pp.151-161. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27465.pdf>. Acesso em: 24 outubro 2018.

CAMPOS, Suzana Oliveira; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Transformações da conjugalidade em casamentos de longa duração. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 69-89, 2017. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652017000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 outubro 2018.

CANEZIN, Paulo Franklin Moraes; ALMEIDA, Thiago de. O ciúme e as redes sociais: uma revisão sistemática. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 142-155, jun. 2015. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 outubro 2018.

CECCHIN, Cristiane. Casamento e família: por uma perspectiva interdisciplinar. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 115-117, Jun. 2009. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802009000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 de Julho de 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802009000100014>.

CENCI, Cláudia Mara Bosetto et al. Dinheiro e conjugalidade: uma revisão sistemática da literatura. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 1, p. 385-399, mar. 2017. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000100020&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 setembro 2018.
<http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.1-20>.

COLMAN. The individual and the couple. In: RUSZCZYNSKI, Stanley (Ed.). **Psychotherapy with couples: theory and practice at the Tavistock Institute of Marital Studies**. Londres: Karnac Books, 1993. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=c9nEObljFawC&oi=fnd&pg=PR9&dq=psychotherapy+WITH+COUPLES+ruschczynski+COLMAN&ots=zklDqKtJCB&sig=0n10f02ec4d47MoZaWYhBpeTRAw#v=onepage&q=MARRIAGE%20DOES%20NOT%20NEED%20TO%20BE%20THE%20PLACE&f=false>>. Acesso em: 30 julho. 2018.

CONGER, Rand D.; CONGER, Katherine J.; MARTIN, Monica J. Socioeconomic Status, Family Processes, and Individual Development. **J. Marriage Fam.** 2010 Jun; 72 (3): 685 – 704. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2910915/>. Acesso em: 21 outubro 2018. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00725.x

COSTA, Crístofer Batista da; FALCKE, Denise; MOSMANN. Conflitos conjugais em casamento de longa duração: motivos e sentimentos. **Psicologia em Estudos**, Maringá, v. 20, n. 3 p. 411-423, jul./set. 2015. Disponível em: http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/27817/pdf_72. Acesso em: 04 outubro 2018.

COSTA, Crístofer Batista da; MOSMANN, Clarisse Pereira. Relacionamentos conjugais na atualidade: percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 16-31, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 setembro 2018.

COUTINHO, Sabrine Mantuan dos Santos; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: "Que seja terno enquanto dure". **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 83-106, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 julho 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652010000200007>.

DIOGO, Maria Fernanda; MAHEIRIE, Kátia. Alguns sentidos atribuídos ao trabalho doméstico por serventes de limpeza. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 257-272, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 setembro 2018. Editora Integreare. 4º ed. São Paulo, 2009.

EINSTEIN; FREUD. Porque a Guerra? Indagações entre Einstein e Freud (cartas), **Caputh junto a Potsdam**, 30 de julho de 1932. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1033690/mod_resource/content/1/Aula%2B026%2B-%2BFreud%2B%2BEinstein.pdf. Acesso em fevereiro 2018.

ERVATTI, Leila. **Agência IBGE notícias**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018->

numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047. Acesso em 29 setembro de 2018.

FACO, Vanessa Marques Gibran; MELCHIORI, Lígia Ebner. Conceito de família: adolescentes de zonas rural e urbana. In VALLE, TGM., org. **Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções** [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 222 p. ISBN 978-85-98605-99-9. Disponível em: SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/krij5p/pdf/valle-9788598605999-07.pdf>. Acesso em: 04 agosto 2018.

FARIA, Juliana Bernardes de; SEIDL, Eliane Maria Fleury. Religiosidade, enfrentamento e bem-estar subjetivo em pessoas vivendo com HIV/aids. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 155-164, abril, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000100018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 outubro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000100018>.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. Terapia de casal: ruptura ou manutenção do casamento? **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 37-52, ago. 1994. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 de março de 2018.

_____. Entrevista familiar estruturada - EFE: um método de avaliação das relações familiares. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 63-94, dez. 1997. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 outubro 2018.

_____. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 19 de março de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>.

FERES-CARNEIRO, Terezinha; DINIZ NETO, Orestes. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 46, p. 269-278, agosto, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2010000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 outubro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2010000200014>.

FERREIRA, Ricardo Franklin; KITSUWA, Mário. "Você sabe com quem está falando?": Estudo sobre hierarquia e poder. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 32, p. 7-27, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782010000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 agosto de 2018.

FONSECA, Sofia Raquel Alves; DUARTE, Cidália Maria Neves. Do Namoro ao Casamento: Significados, Expectativas, Conflito e Amor. **Psic.: Teor. e Pesq.**,

Brasília, v. 30, n. 2, p. 135-143, junho, 2014. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722014000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 Julho 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722014000200002>

FRIZZO, Giana Bitencourt et al. Conjugalidade em contexto de depressão da esposa no final do primeiro ano de vida do bebê. **Aletheia**, Canoas, n. 31, p. 66-81, abr. 2010. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 outubro 2018.

GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. Problemas no casamento: uma análise qualitativa. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 8, n. 1, p. 127-133, abril, 2003. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 outubro 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100014>.

GOMES, Heloisa Szymanski Ribeiro. Terapia de família. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 29-32, 1986. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931986000200011&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 27 outubro 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931986000200011>.

GOMES, Isabel Cristina; PAIVA, Maria Lucia de Souza Campos. Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? **Psicol. estud.**, Maringa, v. 8, n. spe, p. 3-9, 2003. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 março 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722003000300002>.

GUARESCHI, P. **Introdução:** Qual a “prática” da psicologia social da ABRASCO? In ZANELLA, AV., et al., org. *Psicologia e práticas sociais* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 3-8. ISBN: 978-85-99662-87-8. Disponível em: SciELO Books. <http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-02.pdf>. Acesso em 22 julho 2018.

GUIMARAES, Maria da Gloria Vitória; PETEAN, Eucia Beatriz Lopes. Carreira e Família: Divisão de tarefas domiciliares na vida de professoras universitárias. **Rev. bras. orientac. prof.**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 103-110, jun. 2012. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902012000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 outubro 2018.

HAMEISTER, Bianca da Rocha; BARBOSA, Paola Vargas; WAGNER, Adriana. Conjugalidade e parentalidade: uma revisão sistemática do efeito spillover. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 2, p. 140-155, 2015. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 outubro 2018.

JABLONSKI, Bernardo. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 262-275, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 setembro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000200004>.

LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro; PICCININI, Cesar Augusto; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. Individualidade e conjugalidade na relação de casal de adolescentes. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 14, n. 4, p. 679-687, Dec. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 julho 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722009000400008>.

LEVY, Lúcia; GOMES, Isabel Cristina. Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 163-172, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Agosto 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652008000200012>.

MELO, Maria Luiza da Silveira. O contato na relação conjugal. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – Faces, **UNICEUB**. Brasília-DF, dezembro/2008. Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2656/2/20410723.pdf>. Acesso em: 01 outubro 2018.

MENEZES, 2006. A transição para o casamento. Tese de doutorado. **UFRGS-Lume**, Repertório Digital. Fevereiro de 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7726>. Acesso em 26 março de 2018.

MINUCHIM, Salvador; FISHMAN, Charles. **Técnicas de terapia familiar**. Tradução: Claudene Kinsh Maria Efigenia F. R. Maia. Artmeds Editora SA. Belo Horizonte, MG. 2007. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/5253990/tecnicas-de-terapia-familiar-salvador-minuchin-h-charles-fish-man>. Acesso em 19 agosto 2018.

MOSMANN, Clarisse; FALCKE, Denise. Conflitos conjugais: motivos e frequência. **Rev. Spagesp**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, p. 5-16, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 outubro 2018.

MOSMANN, Clarisse; WAGNER, Adriana; FERES-CARNEIRO, Terezinha. Qualidade conjugal: mapeando conceitos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, p. 315-325, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300003&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 19 outubro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300003>.

NEUHAUSER, Johannes (org: .). **Para que o amor dê certo** o trabalho terapêutico de Bert Hellinger com casais. 2. Ed., São Paulo. Cultrix, 2006. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=aPeVlpeWevkC&pg=PA21&lpg=PA21&dq=o+>

perfeito+n%C3%A3o+nos+atrai.+Descansa+em+si+mesmo,+bem+longe+da+vida+normal.+S%C3%B3+se+pode+amar+o+imperfeito.+Somente+do+imperfeito+resulta+o+impulso+de+crescimento,+n%C3%A3o+do+perfeito&source=bl&ots=fvAH9mWcc d&sig=. Acessos em: 07 outubro 2018.

NEVES, Ana; DUARTE, Cidália. Sintomas depressivos, resolução de conflitos e satisfação conjugal em indivíduos num relacionamento. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 16, n. 3, p. 331-344, dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862015000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 27 outubro 2018.

NORGREN, Maria de Betânia Paes et al. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Estud. psicol.** (Natal), Natal, v. 9, n. 3, p. 575-584, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 fevereiro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300020>.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. Família contemporânea. *In Recomeçar: família, filhos e desafios* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 236 p. ISBN 978-85-7983-036-5. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/965tk/pdf/oliveira-9788579830365-03.pdf>. Acesso em: 22 outubro 2018.

OLIVEN, Ruben George. **Cultura e personalidade**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p.19-37. ISBN: 978-85-7982-012- Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org/>>. <http://books.scielo.org/id/mth59/pdf/oliven-9788579820120-03.pdf>. Acesso em 26 de julho de 2018.

PAIVA, Maria Lucia de Souza Campos. As interfaces na constituição do vínculo conjugal. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 2, p. 50-55, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702009000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 agosto 2018.

PAIXAO, Gilvânia Patrícia do Nascimento et al. Situações que precipitam conflitos na relação conjugal: o discurso de mulheres. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 23, n. 4, p. 1041-1049, dezembro, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072014000401041&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 julho 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072014003290013>.

PINHEIRO FARO, Julio; FRAGA PESSANHA, Jackelline. O casamento civil homoafetivo e sua regulamentação no Brasil. **Rev. Bioética y Derecho**, Barcelona, n. 32, p. 72-81, 2014. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1886-58872014000300007&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 30 julho de 2018. <http://dx.doi.org/10.4321/S1886-58872014000300007>.

PITTIMAN, Frank. **Mentiras privadas**: A infidelidade e a traição da intimidade. Artes Médicas, Porto Alegre, 1984. Disponível em:
<https://pt.scribd.com/document/376847384/PITTIMAN-F-Mentiras-Privadas-Porto-Alegre-Artes-Medicas-198>. Acesso em 29 julho 2018.

POESCHL, Gabrielle; SILVA, Bruno Pereira da; CARDOSO, Filipa Tenreiro. Casamento, casamentos? Representações sociais do casamento heterossexual e do casamento homossexual. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 33, n. 1, p. 73-87, mar. 2015. Disponível em
<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312015000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 agosto 2018.
<http://dx.doi.org/10.14417/ap.886>.

QUISSINI, Cintia; COELHO, Leda Rúbia Maurina. A influência das famílias de origem nas relações conjugais. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 34-47, dez. 2014. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 outubro 2018.

RAUP, Jana L.; MYERS, Jane E. The empty nest syndrome: myth or reality? **Journal of Counseling and Development**: JCD; nov 1989; vol. 68, 2; Research Library pg. 180-183. Disponível em:
<http://webpace.pugetsound.edu/facultypages/cjones/adoldev/Raup.pdf>. Acesso em: 24 outubro 2018.

REIS, Eduardo J. F. Borges dos et al. Docência e exaustão emocional. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 229-253, abril, 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 setembro 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302006000100011>.

RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara Torres. Org. **Famílias em processos contemporâneos**: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola, 1995. Coleção seminários especiais/Centro João XXIII. Disponível em:
[https://books.google.com.br/books?id=_o8-Rn3Gm8wC&pg=PA105&lpg=PA105&dq=Berger,+P.+%26+Kellner,+H.+\(1970\).+Marriage+and+the+construction+of+reality&source=](https://books.google.com.br/books?id=_o8-Rn3Gm8wC&pg=PA105&lpg=PA105&dq=Berger,+P.+%26+Kellner,+H.+(1970).+Marriage+and+the+construction+of+reality&source=) Acesso em 19 março 2018.

ROGERS, Carl R. **Novas formas do amor**: o casamento e suas alternativas. Tradução de Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro, J. Olympio Editora, 1974.

_____. **Um jeito de ser**. Boston, Massachusetts, USA, 1980. Tradução: Maria Cristina M. Kupfer e org. E.P.U. Editora Pedagógica e Universitária Ltda. São Paulo, 1987.

ROLIM, Kamêni lung; FALCKE, Denise. Violência Conjugal, Políticas Públicas e Rede de Atendimento: Percepção de Psicólogos(as). **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 37, n. 4, p. 939-955, dezembro, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000400939&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 outubro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003332016>.

ROSADO, Juliana Szpoganicz; WAGNER, Adriana. Qualidade, ajustamento e satisfação conjugal: revisão sistemática da literatura. **Pensando Famílias**, 19(2), dez. 2015, (21-33). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v19n2/v19n2a03.pdf>. Acesso em: 01 outubro 2018.

SANTIAGO, Maria Betânia. Formação e diálogo nos discursos de Martin Buber. **UFPE**, Pernambuco. [20 __]. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT17-2672--Int.pdf>. Acesso em 15 julho 2018.

SANTOS, Júlio César dos; FREITAS, Patrícia Martins de. Planejamento familiar na perspectiva do desenvolvimento. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1813-1820, Mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 setembro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000300017>.

SARDINHA, Aline; FALCONE, Eliane Mary de Oliveira; FERREIRA, Maria Cristina. As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 395-402, Sept. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 Julho 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722009000300013>.

SARTORI, Adriana C. R.; ZILBERMAN, Monica L. Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 112-121, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832009000300005&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 27 outubro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832009000300005>.

SATTLER, Marli Kath; TAVARES, Ana Cristina Costa Nicola; SILVA, Isabela Machado da. A infidelidade no relacionamento amoroso: possibilidades no trabalho

clínico com casais. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 162-175, jul. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 agosto 2018.

SBICIGO, Juliana Burges; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 73-81, nov. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872009000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 outubro 2018.

SCHMIDT, Beatriz et al. Relacionamento conjugal e características sociodemográficas de casais heteroafetivos. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 871-890, nov. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 outubro 2018.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; DOS SANTOS, Manoel Antonio. Relacionamentos afetivos na literatura científica: uma revisão integrativa sobre a noção de conjugalidade. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 19, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 de agosto de 2018.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Aconselhamento psicológico com casais: interlocuções entre Psicologia Positiva e abordagem centrada na pessoa. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 7, n. 2, p. 192-206, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822014000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 agosto 2018. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2014.72.07>.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio et al. Relações entre Conjugalidade dos Pais, Conjugalidade dos Filhos e Bem-Estar Subjetivo. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n. 3, p. 481-492, dezembro, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712015000300481&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 outubro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712015200310>.

SCRIBEL, Maria do Céu; SANA, Maria Regina; DI BENEDETTO, Angela Maria. Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872007000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 julho 2018.

SENICATO, Caroline; LIMA, Margareth Guimarães; BARROS, Marilisa Berti de Azevedo. Ser trabalhadora remunerada ou dona de casa associa-se à qualidade de

vida relacionada à saúde? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 8, e 00085415, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2016000805001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 outubro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00085415>.

SERPA, Monise Gomes. Perspectivas sobre papéis de gênero masculino e feminino: um relato de experiência com mães de meninas vitimizadas. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 14-22, abril, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso 22 julho 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822010000100003>

SILVA, Lúcio Andrade; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Casamentos de Longa Duração: Recursos Pessoais como Estratégias de Manutenção do Laço Conjugal. **Psico-USF**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 323-335, May 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712017000200323&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 agosto 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712017220211>.

SIMANKE, Richard Theisen. O Trieb de Freud como instinto 2: agressividade e auto destrutividade. **Sci. stud.**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 439-464, setembro, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662014000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 Agosto 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662014000300003>

SIMONETTI, Alfredo. **O nó e o laço**: desafios de um relacionamento amoroso. 4^o ed., Integrare, São Paulo, 2009.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estud. av.**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, agosto, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 setembro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142016.30870008>.

TORRES, Anália. Casamento: tempos, centramento, gerações e gênero. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, n. 42, p. 405-429, set./dez. 2004. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18502/11878>. Acesso em: 07 outubro 2018.

TURINI BOLSONI-SILVA, Alessandra; CARRARA, Kester. Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 330-350, ago. 2010.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 outubro 2018.

VILLA, Miriam Bratfisch; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Marital Satisfaction: The Role of Social Skills of Husbands and Wives. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 56, p. 379-388, Dec. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2013000300379&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 outubro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272356201312>

XAVIER, Rosineide Barbosa; SZYMANSKI, Heloisa. Compreensão de diálogo em um processo de construção coletiva do projeto político-pedagógico. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (online), Brasília, v. 96, n. 242, p. 61-78, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v96n242/2176-6681-rbeped-96-242-00061.pdf>. Acesso em 15 julho 2018.

ZANELLA DELATORRE, Marina; SCHEEREN, Patrícia; WAGNER, Adriana. Conflito conjugal: evidências de validade de uma escala de resolução de conflitos em casais do sul do Brasil. **Av. Psicol. Latinoam.**, Bogotá, v. 35, n. 1, p. 79-94, abril, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242017000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 outubro 2018. <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3742>.

ZORDAN, Eliana Piccoli; FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 56-76, agosto 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 julho de 2018.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

- São legalmente casados? () Sim () Não
- Quanto tempo de casados?.....
- Tem filhos? Quantos?.....
- Qual a idade dos filhos?.....
- Qual a profissão?.....
- Qual a escolaridade?.....
- Compartilham o serviço de casa? () Sim () Não
- Se não, como se sentem em relação a isso?

.....
.....

- Conseguem dialogar sobre as experiências diárias?

.....
.....
.....

- Estão satisfeitos no relacionamento?

- () Muito satisfeito
- () Satisfeito
- () Pouco satisfeito
- () Um pouco insatisfeito
- () Insatisfeito
- () Muito insatisfeito

E porquê?

.....
.....
.....
.....

- Quais os fatores de conflitos?

.....
.....

- Como vocês resolvem os problemas do dia-a-dia?

.....
.....
.....
.....



Faculdade de Educação e Meio Ambiente
Instituto Superior de Educação - ISE

Portaria MEC de Recredenciamento Nº. 857, de 11/09/2013, D.O.U. de 12/09/2013.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Eu,.....,
nacionalidade....., idade....., estado civil.....,
profissão....., endereço.....
....., CEP.....,
D. N...../...../....., RG....., estou sendo convidado a
participar de um estudo denominado **Casamento: parceria ou campo de
batalha**, cujos objetivos e justificativas são: analisar aspectos que interferem
negativamente na convivência conjugal provocando desgaste entre os
cônjuges.

A minha participação no referido estudo será no sentido de responder
uma entrevista semidirigida com questões norteadoras para obter dados e ter
um resultado eficiente, sou parte integrante de um grupo de dez casais. Fui
alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios,
tais como: esclarecer dúvidas relacionadas a fatores que podem influenciar no
sucesso ou fracasso da relação.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os
possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta
que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão
obtidos após a sua realização. Assim, pode ocorrer um leve desconforto no
momento de responder a entrevista, sem outro risco qualquer.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu
nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me
identificar, será mantido em sigilo. Todas as informações poderão ser utilizadas
para fins estatísticos ou científicos, desde, ficando resguardados a minha total
privacidade e meu anonimato. Também fui informado (a) de que posso me
recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer



**Faculdade de Educação e Meio Ambiente
Instituto Superior de Educação - ISE**

Portaria MEC de Recredenciamento Nº. 857, de 11/09/2013, D.O.U. de 12/09/2013.

momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Dionésia de Carvalho, brasileira, 39 anos, casada, estudante do curso de psicologia, residente na Rua Pernambuco, 4128, setor 02, Alto Paraíso-RO, portadora do RG sob o nº 664047 SSP/RO, instituição vinculada FAEMA (Faculdade de Educação e Meio Ambiente), e com eles poderei manter contato pelos telefones (69)99963-7715 e (69)3536-6600, respectivamente.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Autorizo assim a gravação do mesmo. Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Alto Paraíso, de de 2018.

Nome por extenso do voluntário

Assinatura do Voluntário

Pesquisador

Orientador

Telefone

Telefone

Resultado da análise

Arquivo: TCC pronto Dionésia.pdf

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **2,91%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet 

Suspeitas confirmadas: **10,42%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados 

Texto analisado: **88,03%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Endereços mais relevantes encontrados:

Endereço (URL)	Ocorrências	Semelhança
http://docplayer.com.br/24222477-A-l-f-r-e-d-o-s-i-m-o-n-e-t-t-i-o-e-o-laco-relacionamento-amoroso.html	25	9,11%
https://docplayer.com.br/24222477-A-l-f-r-e-d-o-s-i-m-o-n-e-t-t-i-o-e-o-laco-relacionamento-amoroso.html	25	9,11%
http://oamorquecura.com.br/relacionamento-de-casal	24	2,53%
https://www.facebook.com/espacopsiq/posts	23	5,32%
http://www.jornaloeste.com.br/noticias/exibir.asp?id=46116	23	2,44%

31/10/2018

Currículo Lattes

 Currículo LattesImprimir
Currículo**Dionesia de Carvalho**Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/9345555979011531>

Última atualização do currículo em 16/03/2018

Resumo informado pelo autor

Atualmente é terapeuta holística - Projeto Padre Ezequiel - Diocese de Ji-Paraná.
(Texto gerado automaticamente pelo Sistema Lattes)

Nome civil

Nome Dionesia de Carvalho

Dados pessoais

Filiação Jamir Batista de Carvalho e Vera Lucia de Carvalho

Nascimento 15/04/1979 - Brasil

Carteira de
Identidade 664047 SSP - RO - 29/10/1997

CPF 682.290.542-16

Formação acadêmica/titulação

2014 Graduação em Psicologia.
Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Ariquemes, Brasil1997 - 1999 Ensino Médio (2o grau).
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Laurindo Rabelo, EEEFMLR, Brasil. Ano de obtenção:
1999

Página gerada pelo sistema Currículo Lattes em 31/10/2018 às 18:21:05.



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E
MEIO AMBIENTE FAEMA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CASAMENTO: PARCERIA OU CAMPO DE BATALHA?

Pesquisador: Eliane Alves Almeida

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 87754318.2.0000.5601

Instituição Proponente: UNIDAS SOCIEDADE DE EDUCACAO E CULTURA LTDA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.762.574

Apresentação do Projeto:

A pesquisa apresentada mostra-se com grandes perspectivas de êxito, por estar bem fundamentado teoricamente com inserção de referências significativas para a temática proposta.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar aspectos que interferem negativamente na convivência conjugal provocando desgaste entre os cônjuges.

"Objetivo adequado"

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com a pesquisadora os riscos estão de acordo com a Resolução 466 - existem riscos mínimos para os participantes da pesquisa, como algum pequeno desconforto emocional.

Apresenta como benefício a ampliação do conhecimento referente a conjugalidade, bem como material teórico complementar no atendimento clínico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa esta coerente concernente, com os objetivos propostos, metodologia e documentos obrigatórios.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Conforme a resolução 466/12, os documentos Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Folha de Rosto e cronograma foram apresentados e as adequações do cronograma e do Termo

Endereço: Avenida Machadinho, nº 4.349, Setor 06, Sala 3.8 do Bloco C
Bairro: SETOR 06 CEP: 78.932-125
UF: RO Município: ARIQUEMES
Telefone: (69)3536-6600

E-mail: cep@faema.edu.br



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E
MEIO AMBIENTE FAEMA



Continuação do Parecer: 2.762.574

de Consentimento Livre e Esclarecido foram apresentadas adequadamente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As orientações solicitadas foram atendidas

Considerações Finais a critério do CEP:

Conforme o cronograma, é necessário o envio do relatório final até 28/09/2018.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1095327.pdf	19/06/2018 17:40:01		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEcorrigido.pdf	19/06/2018 17:39:06	Eliane Alves Almeida	Aceito
Outros	METODOLOGIACORRIGIDA.docx	19/06/2018 17:30:09	Eliane Alves Almeida	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoConjugalidadecorrigido.docx	19/06/2018 17:29:37	Eliane Alves Almeida	Aceito
Cronograma	Cronogramacorrigido.docx	19/06/2018 17:28:57	Eliane Alves Almeida	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	12/04/2018 20:34:20	Eliane Alves Almeida	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARIQUEMES, 09 de Julho de 2018

Assinado por:
DRIANO REZENDE
(Coordenador)

Endereço: Avenida Machado, nº 4.349, Setor 06, Sala 3.8 do Bloco C

Bairro: SETOR 06

CEP: 78.932-125

UF: RO

Município: ARIQUEMES

Telefone: (69)3536-6600

E-mail: cep@faema.edu.br